

COMMISSÃO RONDON
(PUBLICAÇÃO N.º 87)

JOAQUIM GONDIM

(Da Inspectoria
do Serviço de Protecção
aos Indios do Amazonas)

A PACIFICAÇÃO DOS PARINTINTINS

Koró de Iuirapá

1925

PROLOGO

Obscuro auxiliar do Serviço de Protecção aos Indios no Amazonas, incumbido de fiscalisar os seus estabelecimentos no interior, bem depressa tive a comprehensão de que, nas minhas viagens através de paragens solitarias, poderia aproveitar as horas de lazer para escrever alguma coisa que podesse ser util á terra generosa onde vi nascer os meus filhos.

Perseverei no meu intuito despretencioso, dando á publicidade, em 1921, ao meu opusculo «Através do Amazonas», que, se não apresenta nenhum merito intellectual, todavia tem servido de fonte subsidiaria para o estudo de alguns problemas que se relacionam com a vida economica e financeira do Amazonas.

A indulgencia do publico, esgotando a primeira edição, deu-me estimulo e coragem para elaborar esta outra obra descriptiva, que ora entrego ao dominio da publicidade, subordinada ao titulo «A Pacificação dos Parintintins».

Neste livro, sobremodo defficiente, objectivei apenas duas coisas: apreciar os indios Parintintins na sua indole, nos seus costumes, na sua arte rustica, nas suas tradições guerreiras, e mostrar a paciente abnegação com que um nucleo de heróes, norteado pela acção firme e perseverante da Inspectoria de Indios, conseguiu arrancar das selvãs e pacificar uma tribu que, ha mais de meio seculo, vinha se notabilizando pelos seus feitos na região do Madeira.

Escrevi a primeira parte escudado nas observações a que procedi em 1924, no posto de pacificação, quando alli

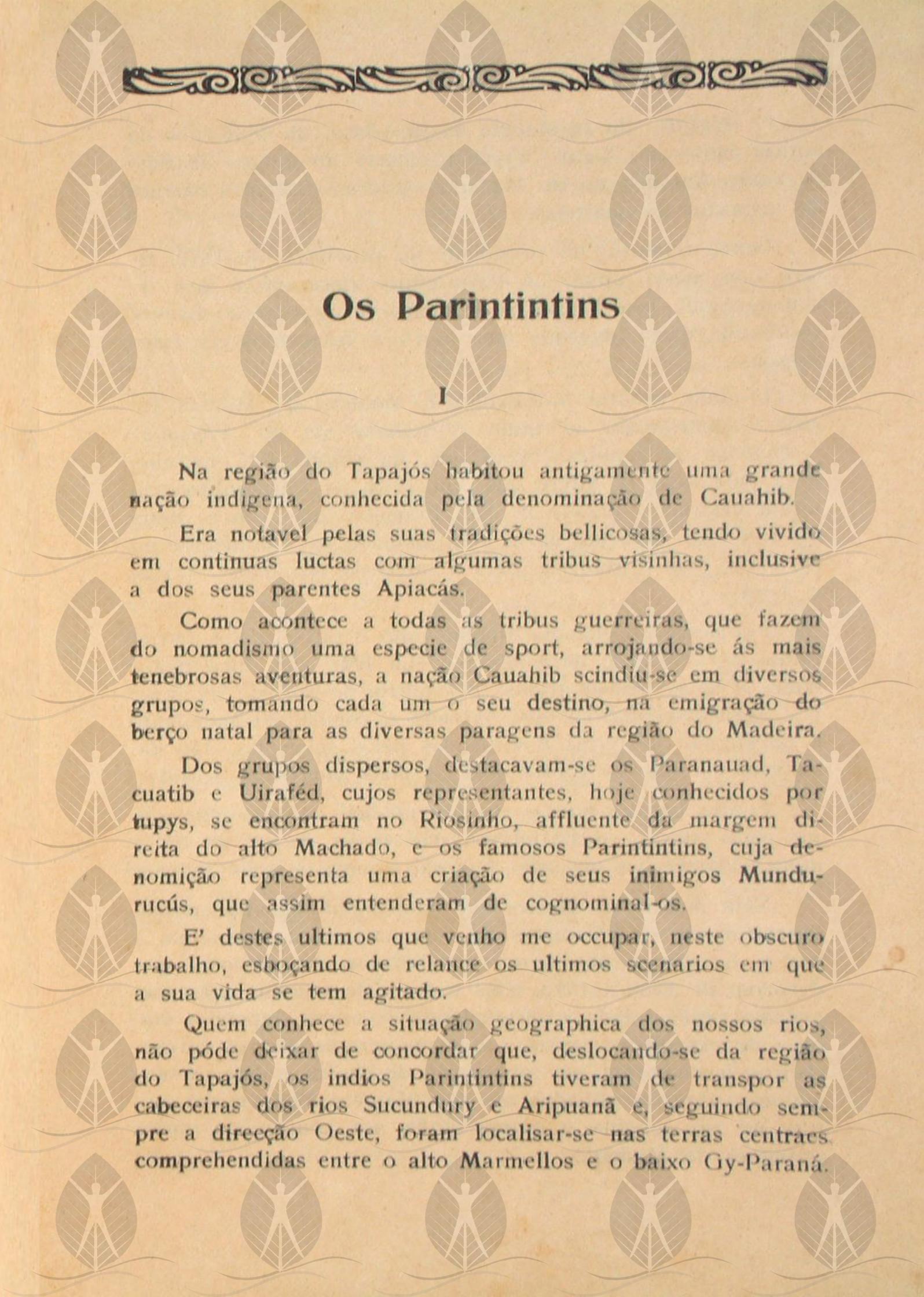
estive com a expedição norte-americana de Philadelphia, de que era chefe o barão Rudolph Schansee. A segunda parte é o resumo descolorido de alguns dos relatorios que, no periodo de 1921 a 1923, a Inspectoria recebera de seus auxiliares no rio Maicy-mirim, dando os detalhes da marcha da pacificação. Fiz omissão de muitos episodios curiosos, dada a necessidade que tinha de publicar, quanto antes, este pallido trabalho, para evitar que alguém, futuramente, venha exhibir-se com pennas de pavão e apregoar que, ao tempo da pacificação, esteve em contacto com os famosos guerreiros.

O presente livro constitue, portanto, apenas o esboço de um quadro impressionante, que outros se incumbirão de pôr em relevo, com a necessaria competencia, prestando assim valioso concurso á historia do Amazonas.

Ficarei consolado se o publico me fizer a devida justiça, reconhecendo o esforço que dispendi neste trabalho para não deixar no olvido os fructos de uma obra nobilitante: a pacificação dos indios Parintintins.

Manãos, 24 de junho de 1925.

JOAQUIM GONDIM DE ALBUQUERQUE LINS.
(Da Sociedade Brasileira de Autores Theatraes).



Os Parintintins

I

Na região do Tapajós habitou antigamente uma grande nação indígena, conhecida pela denominação de Cauahib.

Era notavel pelas suas tradições bellicosas, tendo vivido em continuas luctas com algumas tribus visinhas, inclusive a dos seus parentes Apiacás.

Como acontece a todas as tribus guerreiras, que fazem do nomadismo uma especie de sport, arrojando-se ás mais tenebrosas aventuras, a nação Cauahib scindiu-se em diversos grupos, tomando cada um o seu destino, na emigração do berço natal para as diversas paragens da região do Madeira.

Dos grupos dispersos, destacavam-se os Paranauad, Tacuatib e Uiraféd, cujos representantes, hoje conhecidos por tupys, se encontram no Riosinho, affluente da margem direita do alto Machado, e os famosos Parintintins, cuja denominação representa uma criação de seus inimigos Mundurucús, que assim entenderam de cognominal-os.

E' destes ultimos que venho me occupar, neste obscuro trabalho, esboçando de relance os ultimos scenarios em que a sua vida se tem agitado.

Quem conhece a situação geographica dos nossos rios, não póde deixar de concordar que, deslocando-se da região do Tapajós, os indios Parintintins tiveram de transpor as cabeceiras dos rios Sucundury e Aripuanã e, seguindo sempre a direcção Oeste, foram localisar-se nas terras centraes comprehendidas entre o alto Marmellos e o baixo Gy-Paraná.

O relatório do presidente da provincia, de 1868, nos dá noticia delles no lugar «Frechal», perto do antigo districto de Santo Antonio, no rio Madeira, onde assaltaram a barraca do inspector de quartirão.

Outro relatório do presidente da provincia, de 1870, refere que, nesse anno, os Parintintins atacaram a casa do commerciante José Francisco Monteiro, no igarapé do Baetas, resultando desta investida uma morte e ferimentos em cinco pessoas.

E quem revistar o trabalho do saudoso dr. Manoel Tapajós, subordinado ao titulo «*Fronteira Sul do Amazonas — Questão de Limites*», verá que, na pagina 127, ha uma nota pela qual se infere que, em 1874, os Parintintins tentaram destruir a missão de São Francisco que, sob a chefia do frei Luiz Mancini, havia sido fundada na confluencia do rio Preto com o Madeira, para a catechese dos indios Araras e Torás.

Foi nessa epocha que tomou vulto a odysseá dos Parintintins no Madeira, derivada, por um lado, das suas rivalidades com as demais tribus; por outro, do sordido interesse dos agentes civilizados que, fazendo o commercio ambulante e disputando as terras desbravadas pelos selvicolas, não hesitavam em exercer contra elles as mais sangrentas sortidas.

Ferido na sua honra, atacado no seu *habitat*, espoliado nas suas terras, o Parintintin não podia deixar de ter a alma acirrada por um odio ferrenho contra os seus algozes.

Nem mesmo as phases que succederam áquella epocha, descortinando os horisontes da vida amazonica, trouxeram a paz e o socego aos heroicos selvicolas. No periodo que decorreu de 1900 a 1915, elles tiveram de repellir, aliás com grandes perdas, dada a desigualdade de armas, repetidos ataques de expedições armadas e de numerosos grupos de caucheiros incendiarios, que operaram, de chofre, sobre as suas malocas, algumas situadas nos rios Maicy e Maicy-mirim, outras no rio Ipixuna e outras ainda nos centros de varios seringaes do Madeira.

E' sabido que uma dessas expedições foi armada e chefiada pelo peruano Benjamin Maya e, outra, formidavel no seu numero, organisada e municada por muitos proprietarios do Madeira, que, para o triste *desideratum*, mui sollicitos se mostraram na contribuição de suas quotas.

Não quero nem devo esboçar os tons desse quadro sombrio, que, na sua generalidade, constituiria um dos capitulos mais deprimentes da nossa historia. Limito-me apenas á vaga recordação de um dos episodios, que bem justificam a phrase opportuna de Barbosa Rodrigues, quando disse que «a vingança do indio é tida muitas vezes por crime, quando não é mais que a desaffronta da offensa que ficou impune».

A scena occorrera no Maicy. Nesse tempo, fugindo á sanha dos caucheiros sanguinarios, os Parintintins haviam se localisado num plano saliente, que domina dois estirões do estreito rio, hoje vulgarmente conhecido por *barreira vermelha*, armando os seus tapirys sobre a margem e transformando o lugar num dos scenarios mais pittorescos, onde a actividade do selvicola se expandia na cultura da lavoura, vendo no trabalho rude e honesto o elemento capaz de attenuar as necessidades de sua vida meditativa e solitaria.

Os lagos adjacentes eram os scenarios predilectos dos seus labores de pesca, quando não penetravam no amago da floresta para flechar o coatá que a cunhã esperava no aceiro da maloca, ou para escutar a toada sonora dos japiins que modulavam um dos psalmos lithurgicos daquelle dogma pagão que constitue a verdadeira poesia e a mais bella expressão do fetichismo religioso do selvagem.

Mas, nem mesmo alli estavam em lugar seguro. E foi assim que num dia fátidico, grande horda de caucheiros, chefiada pelo aventureiro Benjamin Maya, subiu affoitamente aquelle rio e estacou de imprevisto na altura da *barreira vermelha*, onde se fez ouvir a primeira descarga dos expedicionarios, echoando sinistramente pela quebrada da matta e visando, de chofre, os ranehinhos que repousavam sobre o limpo do barranco como testemunhas solitarias daquelle qua-

dro desolador, que era mais uma pagina relida na historia do martyrologio indigena.

Ante o espectro do terror, algumas mulheres e creanças, transidas de susto, trataram de correr, desordenadamente, pelo cerrado da matta proxima e outras tombaram sobre a algidez do solo, victimadas pelas balas assassinas.

Era o lance innominavel da tyrannia na sua sementeira de dores e de lucto. Contra elle havia apenas a repulsa do heroismo guerreiro dos Parintintins, mas nem estes podiam conter a sortida traiçoeira, porque, para attingir precisamente o inimigo, com as suas flechas, era necessario que recorressem a melhor posição, ditada pelas circumstancias do momento. Deste modo, preferindo o desaggravo ao ultraje, os Parintintins atiravam-se do alto da barreira sobre o rio, de arco em riste, objectivando o batelão sinistro e desolador, de cujas bordas os expedicionarios deflagravam os seus rifles, certamente, produzindo o anniquilamento e a morte.

Terminada a triste hecatombe, verificou-se que os ultimos guerreiros indigenas haviam fugido, levando comsigo os cadaveres de seus companheiros, como prova de que a bravura e a honra constituem o apanagio de uma raça a quem o infortunio humano nunca pode vencer.

Os expedicionarios completaram a abjecta empreitada, devastando as plantações e queimando os ranchinhos que encontraram sobre a sinistra barreira como corollario de uma obra que ainda revive entre as maldições da historia.

II

Os antigos habitantes do rio Madeira crearam uma lenda em torno dos Parintintins, considerando-os antropophagos.

Esta lenda teve a sua origem no passado, porquanto, já em 1870, no seu relatorio lido perante a Assembléa Legislativa, o presidente da provincia do Amazonas dizia que «no districto de Santo Antonio, rio Madeira, os indios Parintintins accommeteram, na foz do rio Machados, uma ca-

nôa tripolada por tres pessôas, duas das quaes assassinaram a flexadas, *conduzindo os cadaveres para as festanças do costume*».

Em outros trabalhos anteriores, tambem de presidentes da provincia, encontrei diversas notas allusivas aos tradicionais guerreiros, e quasi todas com a imputação dada a elles de antropophagos.

A verdade, porém, é que, depois de um ataque ou de uma lucta, os Parintintins não levam os cadaveres de seus inimigos para a maloca e sim os de seus companheiros, que elles têm o cuidado de enterrar, quasi sempre, á sombra de tapiryrs cobertos com folhas de ubim.

No posto de pacificação morreu um indio, quando alli estive, e elles sepultaram o cadaver no interior de um rancho que havia sido construido para os seus momentos de repouso.

Do inimigo elles só costumam levar a cabeça, mas a guisa de trophéo, para mostral-a ao chefe e aos companheiros que ficaram na maloca, testificando, por este modo, a realidade de seu feito.

A antropophagia não existe nem nunca existiu entre os Parintintins. Admittil-a como um facto, seria commetter uma mystificação historica que contrasta, em absoluto, com a indole dos famosos guerreiros.

Se elles são escrupulosos no asseio do corpo, lavando-se diariamente, não menos escrupulosos se mostram na alimentação, recusando-se até a comer carne de animaes criados nas suas malocas, sob o pretexto de que são tidos como *mimbab* (xerimbabos) e partilham do convivio humano.

Quando um grupo desses indios, guiado pelo encarregado do posto de pacificação, esteve em 1923 em «Tres Casas», no rio Madeira, o proprietario deste seringal, coronel Manoel de Souza Lobo, resolveu mandar matar um boi para a sua alimentação, mas, avisados dessa resolução, os Parintintins fizeram a sua recusa, allegando que não comiam carne de *mimbab*.

Mas, não é só. Os Parintintins abominavam o ovo de gallinha ou de qualquer outra ave, dando a entender que, quem o come, commette o sacrificio de um ser antes de seu nascimento.

Actualmente, seguindo o exemplo do civilisado, alguns já vão comendo ovos e até mesmo carne de boi, mas deixam vislumbrar nos seus gestos uma natural repugnancia.

Absurdo, portanto, seria admittir a hypothese da antropophagia, attribuida aos famosos guerreiros.

Os seus principaes alimentos são fructas, macacheira, milho, cará, aves, macaco, anta e outros animaes abatidos na floresta, porque, como já disse, elles não comem os que são criados nas malocas, considerando-os como seres já humanisados.

III

O typo dos Parintintins pouco differe do dos nossos caboclos civilisados. Elles são de côr morena, feições quasi delicadas e cabellos lisos cortados em torno da cabeça, deixando transparecer no semblante muita vivacidade e expressão.

Os homens apresentam forte compleição physica e musculos desenvolvidos, sendo alguns de mediana estatura e outros de altura regular. Usam nos braços ligas de palha ou de embira, como o unico meio de conservar a força dos musculos, e trazem o pennis envolvido por um tubo de folhas de arumã, de trinta a trinta e cinco centímetros de comprimento, parecendo assim que procuram recatal-o, por um requinte de pudor, ou visam preserval-o das mordiduras dos insectos damninhos. A primeira hypothese se me afigura mais racional, visto como, depois que a inspectoria de indios iniciou a pacificação delles, fornecendo-lhes roupas, bem raros são os que gostam de andar despidos.

A guisa de atavio, elles costumam pintar o rosto com manchas ou linhas symetricas, feitas a barro branco e tinta de jenipapo, cingindo a cabeça com *akanitaras* de pennas de

aves, em fôrma de diadema, alguns arrematados por lindos enfeites de pennas da cauda da arara, que pendem sobre o espinhaço.

Quando em grupo, um ou outro se destaca á frente, de modo mais extravagante, deixando vêr o rosto, o pescoço e o thorax feiamente pintados a carvão.

Disse o auxiliar Curt, num dos seus relatorios a inspectoriz de indios, que, «quando viu um desses indios, a grande distancia do posto de pacificação, teve a impressão de um homem mettido num paletot preto, sem mangas. E' dahi que vem a lenda dos habitantes do Madeira de que entre os Parintintins se encontram pessoas civilizadas e de que o tuchaua é um preto maranhense».

As mulheres, na sua maioria, são de baixa estatura, notando-se entre ellas algumas de bustos bem delineados que contrastam, em absoluto, com a exquisitez das pernas.

Costumam adornar o collo com collares de coquilhos e cingir as pernas, pouco acima do tornozello, com ligas de embira ou de fio de algodão.

A exemplo dos homens tambem gostam de pintar-se com tinta de jenipapo, nos dias de festa, procurando de preferencia o busto para alvo desses exquisitos adornos.

Os collares de contas que ellas apreciam são os das cores encarnada, azul, amarella, preta e branca. Não gostam do verde nem do rôxo, e disso nos deram uma prova no posto de pacificação, recusando alguns collares dessas côres, que lhes foram offerecidos pelos membros da expedição scientifica de Philadelphia, quando alli estiveram.

Communicativos e joviaes, mas de uma jovialidade expansiva, os Parintintins falam com muita expressão e desenvoltura, sabendo insinuar-se, pela sympathia, no espirito de qualquer pessoa que delles se approxima.

Os seus gestos quasi delicados, o modo de exprimir-se com o interlocutor, quando em palestra cordial, deixam a gente em completa duvida sobre o seu instincto selvagem. Disse o sr. Curt que «a conversação delles parece de gente

civilisada As perguntas são sempre orientadas por um espirito que demonstra ter vivido em contacto com o mundo civilisado A's vezes, no posto de pacificação, quando as suas expressões concordavam perfeitamente com a lingua *Guarany*, tinha a impressão de que estava palestrando com um paraguay qualquer. Era notavel o esforço que faziam para ser bem comprehendidos, repetindo as phrases quando notavam que o seu interlocutor não as havia entendido bem e recorrendo á mimica com grande habilidade».

E o que se torna mais apreciavel é a tendencia artistica desses indios. Elles fazem da arte rustica o melhor systema de imitação, servindo-se de cascas de arvores para a confecção de peixes, bonecos e outras originalidades.

No igarapé Flechal deixaram varios bonecos modelados em casca e, no igarapé 9 de Janeiro, fizeram desenhos, a carvão, na casca de uma arvore, um dos quaes representando tres homens com barba, bigode e umbigo.

Eu mesmo dou testemunho dessa engenhosidade artistica. Quando em viagem pelo rio Maicy, com a expedição scientifica de Philadelphia, tres Parintintins, que nos acompanhavam, pediram lapis e papel e, sobre o pavés do batelão, esboçaram rusticamente varios arabescos, offerecendo esses *croquis* ao professor Joseph Mc. Goldrick, que os guardou com fraternal carinho.

IV

E' deveras curioso o modo pelo qual os Parintintins systematisam a vida conjugal.

O homem, considerado como ente superior á mulher, é sujeito á monogamia até a idade da maturidade, podendo, nesta phase, escolher outra companheira, mas nunca exceder dos limites da bigamia.

O pedido nupcial é feito pelo pretendente, ao pae da noiva, podendo a nubente ser de maior ou menor idade, até mesmo infanta.

Succede, porém, que, se a menor é creança, o contra-hente espera que ella attinja o periodo da puberdade para poder realizar o casamento.

Alguns pretendentes costumam tutelar a noiva impubere, desde o momento do contracto nupcial, levando-a livremente para a sua maloca, onde tratam-na com solícitude e desvelo, guardando o devido acatamento á honestidade da menor até o periodo em que é permittida a ligação marital.

Como exemplo, menciono de passagem o caso do indio Diahý que, residindo numa das malocas do Maicy Grande, ha mais de cinco annos tem em sua companhia uma noiva impubere, que é tratada com o devido respeito.

Aproveitando a nossa estadia no posto de pacificação, um trabalhador teve a idéa de inquirir a Diahý, por curiosidade, sobre se elle já havia realizado o casamento com a noiva. A pergunta não produziu nenhum aborrecimento no espirito do selvicola, mas foi com um certo ar de sobriedade que elle articulou de prompto a resposta, accentuando com visivel respeito:

An-han! tiuim. (Não! ella é pequenina).

O mais curioso é que, existindo entre os Parintintins duas facções que, embora unidas, tomaram familiarmente as denominações de *Coandú* e *Mutum*, succede que um indio *Coandú* só pôde casar com uma india *Mutum*, e vice-versa, não sendo licito a nenhum selvicola infringir este preceito com a escolha de qualquer india pertencente ao seu grupo.

Os homens casados são ciosos da honra de suas esposas, nunca permittindo que ellas pratiquem qualquer acto desairoso á fidelidade conjugal.

As mulheres não têm o menor resguardo parturial. Dão á luz a creança em qualquer parte e, após a *delivrance*, banham o recém-nascido no igarapé mais proximo, depois friccionando-lhe o corpo com tinta de urucú e aquecendo-o ao calor de fogueiras.

Ellas são amorosas para com os seus filhinhos, costumando trazel-os, quando em viagem, abrigados numa tipoia

tecida de algodão e tingida a tinta de urucú. Essa tipoia, disposta a tiracollo, é bastante larga e folgada, de modo que a creancinha não encontra dificuldade nos seus movimentos, quando procura alimentar-se do leite materno.

V.

A dança é uma das distrações predilectas dos indios Parintintins e varia nas suas modalidades conforme o acto pelo qual elles procuram exprimir o seu regosijo intimo na vida do lar, ou o seu entusiasmo pelos grandes feitos bellicosos.

Nas festas communs, em que predomina apenas o espirito de recreação, a dança delles é tão banal e descolorida de poesia que não provoca a menor sensação a quem quer que tenha o ensejo de observal-a.

Parece até uma simulação de marcha militar, como se esses indios já tivessem experimentado a vida da caserna.

Dispostos em fila, no terreiro, elles marcham de frente até uma certa distancia e tornam a voltar ao ponto de partida, de vez em quando soprando as suas gaitas de bambú ou dando pigarros isolados como quem está preparando a garganta para um grande concerto.

Nesse *vai-vem*, passam alguns minutos, marchando com a sua natural severidade, e depois começam a cantar em côro esta canção ditada pelo sentimento de sua alma rustica:

Niuárundê
Coáro caiú,
Cupaiué,
Itakihé ihú
Erenicuaba hé.

A dança guerreira tem um character mui diverso e apresenta certa analogia com a dos antigos e famosos tupy-nambás.

Elles se collocam na configuração de um circulo, com as mãos postadas nos hombros, uns dos outros, e, deste modo, volteando e batendo cadencialmente com o pé direito no solo, deixam perceber o som rithmico do passo que se confunde com os rumores dos guisos de tucumã, seguros por uma liga que lhes cinge a perna, pouco acima do tornozelo

Os rumores desses volteios são entrecortados pelas notas que arrancam, ao mesmo tempo, das suas gaitas de bambú, simulando o canto da inambú.

Cada uma das pausas que costumam fazer, no decurso da dança, é sempre arrematada pela exclamação estridulante de *hia! hia! hia!*, que representa, no seu symbolismo, o verdadeiro grito de guerra dos Parintintins.

Dentre o conjuncto das canções desses indios, observei uma quasi plangente e suave, que se destaca do canto indigena dando-me a idéa de que os Parintintins a aprenderam antigamente, ouvindo-a talvez de algum seringueiro em sua barraca.

Ouvi essa canção por muitas vezes, cantada no posto de pacificação pelo indio Van-van Gatuhy, e, muito embora não tenha tido a feliz lembrança de decorar a lettra, consegui assimilar a musica e entoal-a em presença do comisor Mendo Luna, que se dignou de tirar a copia que ora reproduzo, em *cliché*, á guisa de curiosidade.

A outra copia musical, que figura acima, foi apanhada pelo compositor Mozart Donizetti, com o concurso dos indios Yuaká e Diré, que visitaram, ultimamente, a nossa capital.

VI

A idéa do sobrenatural não é extranha ao espirito dos Parintintins.

Elles acreditam na existencia de um Deus supremo, chamado Tupan, cujo poder se manifesta no estridor do trovão e preside a todos os designios dos mundos objectivo e subjectivo.

Ao lado desse deus ha outras divindades de menor grandeza, entre as quaes figuram Yahê (lua) e Kaihú (as constellações).

Dizem os Parintintins que, quando um indio succumbe, Kaihú baixa á terra, transfigurada num grande macaco, e leva a alma do morto para as regiões do Ivag (céo), tornando-se o seu eterno guia na vida exterior.

O curto periodo de estadia no rio Maicy-mirim, não me permittiu investigar sobre a influencia que, para esses indios, Yahê e outras divindades exercem nos destinos dos seres e das coisas.

Notei que elles acreditam na existencia do Anhangá, o espirito maligno que, occultamente, os persegue na terra, tornando-os victimas de revezes e dos males epidemicos que, ás vezes, produzem verdadeira calamidade nas malocas.

E' por isto que, quando o *habitat* é assolado por qualquer flagello, os Parintintins abandonam as suas velhas habitações e vão construir outras em zonas mais distantes, para lhes servir de domicilio temporario, fugindo assim á sanha do inimigo occulto.

Supersticiosos como qualquer selvagem, elles acreditam que, em certas epochas, o pagé da tribu tem o dom de curar doenças, repellir o genio do mal, abrandar a ira dos elementos e fazer milagres em qualquer aventura.

E' assim que, quando adocece um indio menor, o pae tem o cuidado de apresental-o ao pagé, com o fim de soprar na creança, livrando-a do espirito maligno.

Nos momentos de ameaça de borrasca, quando estão em serviço, recorrem tambem ao poder mysterioso do pagé, pedindo-lhe para dissipar, com um sopro, as densas nuvens que fluctuam no espaço.

Mas, não é só. Ao expirar da tarde, sempre que se encontram internados nas brenhas, advertem o pagé a soprar para as bandas do poente, acreditando que o sopro accenderá o globo do sol que descamba, e lhes dará luz para illuminar o caminho que se prolonga até a maloca.

Elles têm um immenso pavor do poder fetichista dos indios *Odiahub*, que habitam os centros mais distantes do rio Branco, outro affluente do Marmellos. Dizem que, acirrados pela vingança, os *Odiahub* costumam enviar-lhes, á noite, grandes morcegos, que lhes roubam os cabellos, applicando-os nos processos de bruxaria que transmittem os peores males ás malocas.

E acontece que, toda vez que se referem ás façanhas dos seus adversarios, não podem esconder a sua timidez fetichista, exclamando com espanto: *tira-hum! tira-hum!*, que quer dizer: ruim! ruim!

Os *Odiahub* falam o mesmo dialecto e adoptam quasi os mesmos costumes dos Parintintins, havendo, todavia, entre os dois grupos indigenas, um requinte de hostilidade, oriundo de sua indole guerreira, que os tornam inimigos rancorosos.

Ao contrario dos Parintintins, que costumam cortar os cabellos em torno da cabeça, os *Odiahub* conservam-n'os bastos e compridos; mas, a exemplo daquelles, tambem trazem o pennis envolvido por um tubo de folhas de arumã, de maior comprimento. Os seus akanitaras são feitos de pennas de japú e arara vermelha, e as flechas apresentam o mesmo feitio e os mesmos adornos que se observam nas armas guerreiras dos Parintintins.

VII

E' na guerra que os Parintintins se mostram ciosos do seu valor e orgulhosos de sua coragem varonil.

Quando feridos na sua honra, ou humilhados na sua altivez, são capazes de todas as aventuras, não sabendo recuar em face do inimigo.

Vencel-os na floresta é coisa bem difficil, porque são expeditos na descarga de suas flechas, certos na pontaria e previdentes na escolha das posições, sabendo fazer trincheiras dos troncos das arvores ou avançar, quasi de rastros,

para não serem lobrigados pelos olhares argutos do contendor

A lucta para elles nunca foi um sport. Disse muito bem o sr. Curt, em relatorio, que ella «é uma natural consequencia das muitas refregas que, desde gerações, vinham mantendo contra os invasores de suas terras, luctas em que se tornaram temidos e respeitados e que lhes deu a consciencia de sua superioridade guerreira».

Nos seus ataques ao posto de pacificação nunca surgiam da matta fechada; vinham sempre pelos caminhos que, partindo do centro, davam ingresso para a area em que se encontra localisado o estabelecimento. Era habito atirarem todos ao mesmo tempo e, quando as flechas já vinham descendo, rompiam numa gritaria infernal. A's vezes, ao descarregar as suas armas, faziam meia volta e, brandindo o arco, atiravam novamente.

E' ainda opinião do sr. Curt que, «na lucta, esses indios não têm chefe nem tuchaua; cada um peleja por conta propria. E a prova é que, cessado um dos ataques ao posto, enquanto alguns delles palestravam amistosamente com o seu protector, guardando pequena distancia, outros o deixavam com a vida em perigo, com algumas flechadas, o que não poderia acontecer se estivessem sob o mando de uma só pessoa».

A verdade, porém, é que isto só póde ocorrer no momento da lucta, porque, antes de partir para uma guerra contra qualquer tribu inimiga, os Parintintins recebem do chefe as necessarias instrucções, e é perante elle que prestam o juramento de honra.

Tive o ensejo de presenciar a simulação dessa cerimonia, em companhia da expedição scientifica de Philadelphia, que commigo fôra ao Maicy-mirim, e confesso que as minhas emoções tocaram ao auge pela elevação moral dos famosos guerreiros.

A scena se passou no posto de pacificação, numa noite clara do mez de junho de 1923, em que as pulverizações divinas do luar prateavam, de cheio, o limpo do barranco.

Muitos Parintintins, postados silenciosamente, na configuração de um semi-circulo, curvaram reverentemente a cabeça e cravaram os olhos no chão, ostentando na mão esquerda as suas armas de guerra.

No meio deste aspecto de gravidade, surgiram tres indios, dentro do semi-circulo, sendo que o primeiro, que vinha á frente, encarnava o papel de chefe; o segundo o de pagé, o terceiro, o de ajudante.

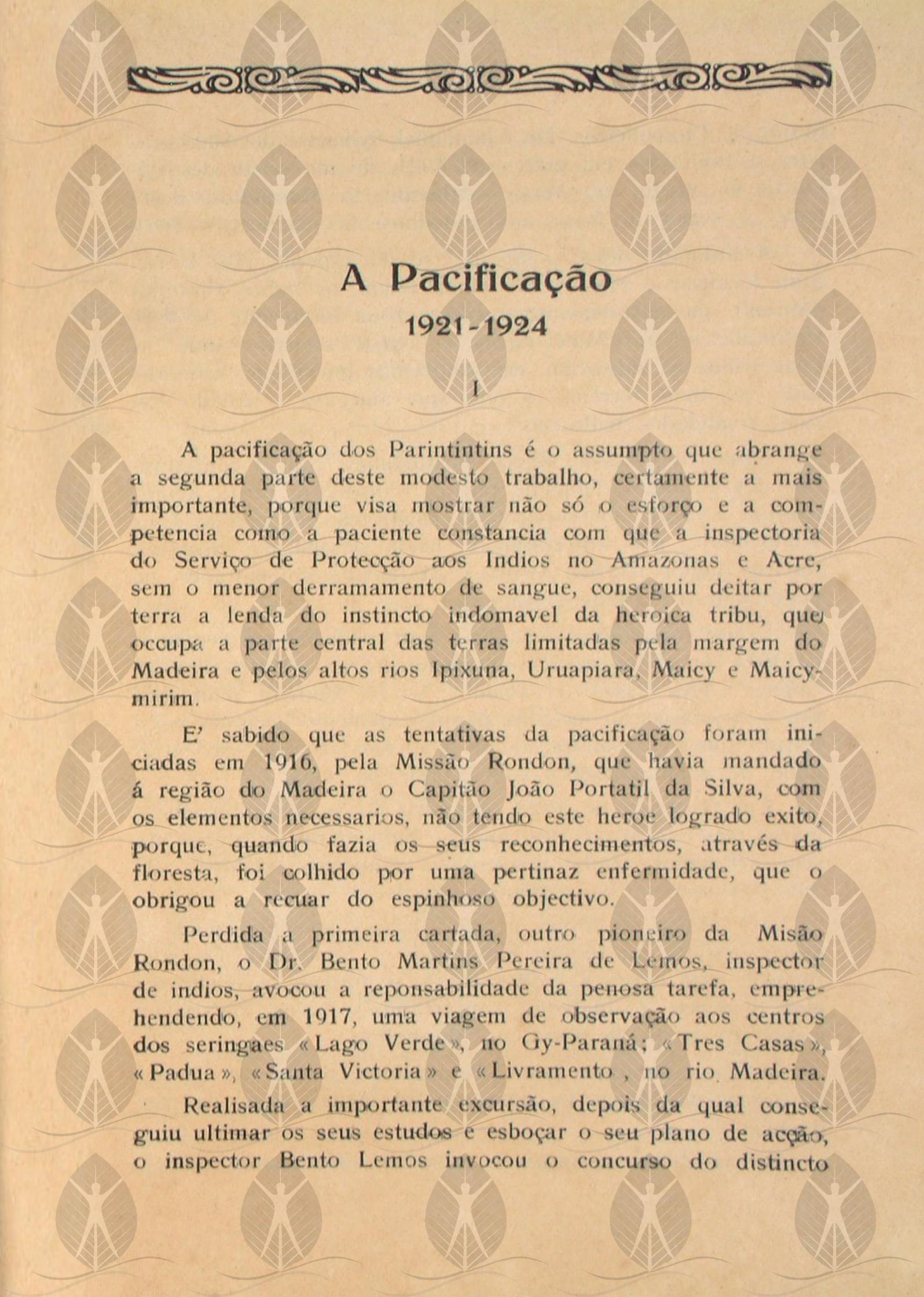
Cantando a principio uma canção guerreira, em que se sentia o calor do enthusiasmo, os tres fizeram depois uma breve pausa e começaram a percorrer o semi-circulo, a passos lentos, parando em presença de cada um dos guerreiros, a partir do primeiro, que permanecia na extremidade do lado direito. Toda vez que estacava, o chefe servia-se de uma cuia, que tinha á mão, e, mergulhando-a no jamarú que era conduzido pelo pagé, cheio de *cauim*, dava a bebida ao valoroso guerreiro, exclamando com emphase: «*Koró dé iuirapá!*, que se traduz por «forte no teu arco».

O ajudante levava um outro jamarú com agua, servindo este liquido ao guerreiro, depois que elle tomava o *cauim*.

Terminado este acto, o chefe fez collocar os jamarús á pequena distancia, deante do semi-circulo, e os guerreiros, obedecendo a uma só voz, levantaram a cabeça e enristaram celeremente os seus arcos, dando uma descarga certa sobre os utensilios.

Esta arremettida foi acompanhada pelos estridulantes gritos de *hia! hia! hia!*, que os Parintintins arrancaram do peito com indizível enthusiasmo.

O simples relato desta cerimonia define bem a elevação moral com que os heroicos selvicolas costumam encarar as suas responsabilidades na guerra.



A Pacificação

1921-1924

I

A pacificação dos Parintintins é o assumpto que abrange a segunda parte deste modesto trabalho, certamente a mais importante, porque visa mostrar não só o esforço e a competencia como a paciente constancia com que a inspectoría do Serviço de Protecção aos Indios no Amazonas e Acre, sem o menor derramamento de sangue, conseguiu deitar por terra a lenda do instinto indomavel da heroica tribu, que occupa a parte central das terras limitadas pela margem do Madeira e pelos altos rios Ipixuna, Uruapiara, Maicy e Maicy-mirim.

E' sabido que as tentativas da pacificação foram iniciadas em 1916, pela Missão Rondon, que havia mandado á região do Madeira o Capitão João Portatil da Silva, com os elementos necessarios, não tendo este heroe logrado exito, porque, quando fazia os seus reconhecimentos, através da floresta, foi colhido por uma pertinaz enfermidade, que o obrigou a recuar do espinhoso objectivo.

Perdida a primeira cartada, outro pioneiro da Misão Rondon, o Dr. Bento Martins Pereira de Lemos, inspector de indios, avocou a reponsabilidade da penosa tarefa, empreendendo, em 1917, uma viagem de observação aos centros dos seringaes «Lago Verde», no Gy-Paraná; «Tres Casas», «Padua», «Santa Victoria» e «Livramento», no rio Madeira.

Realisada a importante excursão, depois da qual conseguiu ultimar os seus estudos e esboçar o seu plano de acção, o inspector Bento Lemos invocou o concurso do distincto

Major de Engenheiros, Dr. Emmanuel Sylvestre do Amarante, para a fundação, em março de 1921, de um posto de vigilância no meio rio Maicy, afluente do Marmellos, destinado a servir de base aos trabalhos da pacificação.

A utilidade desse posto não se fez esperar, pois conseguiu localizar e reter, como ainda retém, os índios Pirahans (Muras) que costumavam invadir a zona limitrophe dos Parintintins, no rio Maicy-mirim, — triste cenário onde as duas tribus se chocavam, em sangrentas guerrilhas, tornando cada vez mais ferrenho o ódio que alargava o círculo das suas rivalidades bellicosas.

Obtida a cessação dessas hostilidades, com a concentração dos Pirahans, naquelle posto, o inspector Bento Lemos confiou a chefia dos serviços da pacificação ao auxiliar Curt Nimuendajú, que, anteriormente havia servido nas inspectorias de índios de São Paulo e Maranhão, collaborando na pacificação de tribus selvagens.

Como preliminar, o auxiliar Curt realizou, em setembro de 1921, uma viagem de reconhecimento aos centros dos seringaes «Tres Casas» e «Padua», no rio Madeira, tendo por fim a determinação da zona permanentemente habitada pelos Parintintins e a exploração das vias que offercessem facilidade de comunicações com a referida zona.

Em fevereiro de 1922, procedeu ao segundo reconhecimento, que visou os rios Maicy, Maicy-mirim e alguns de seus afluentes, tendo apresentado minucioso relatório, do qual vislumbram os seguintes topicos:

«O Maicy se forma de dois braços somente, sendo o braço oriental um pouco maior que o occidental. Da confluencia para baixo, as voltas do rio se tornam sensivelmente mais extensas e dilatadas, conservando-se assim invariavelmente até perto da bocca, no Marmellos.

A zona habitada pelos Parintintins começa em ambos os braços do Maicy, ha umas quatro leguas acima da confluencia.

Só vi delles vestigios e moradas abandonadas.

Subindo primeiro pelo Maicy-mirim, encontrei uma ranção de oito tapirys dos Parintintins. Datava de mais de um anno. Nesta ranção havia pernoitado Caetano Cetauro, quando por alli desceu em maio de 1921. Vimos ainda as arrumações de cosinha delle e uma arvore onde estavam as lettras S. D. M. (Sizino D. Monteiro).

No dia seguinte, encontrei a primeira capoeira com um rancho, já em parte alagado pela enchente. Seguiu-se outra ranção e depois outra capoeira, tudo abaixo do igarapé 9 de Janeiro.

Acima deste ponto, verifiquei os ranchos que eu já havia visto no primeiro reconhecimento. Num delles encontrei vestigios novos, de uma a duas semanas, apenas.

A palha da coberta do rancho datava de tres epochas differentes, sendo as folhas do ultimo concerto ainda verdes.

No 9 de Janeiro só encontrei os esteios de uma maloca velha, no fundo de uma capoeira. A coberta estava queimada. Achei tambem na barreira desse logar cacos de uma igaçaba, prova de que o referido igarapé, antes dos tempos dos Parintintins, já esteve habitado por outras nações de indios.

Subindo pelo braço do grande Maicy, vi primeiro, perto da bocca, duas capoeiras já muito antigas. Depois appareceram vestigios de um pescador nas moitas da beira e um ninho de japiim, arrancado.

Na tarde do mesmo dia achou-se a bocca de um caminho antigo, na margem direita, e os restos de uma fogueira, e, quando encostamos o batelão para caçar uns coatás, encontraram os caçadores um logar, onde, fazia uma semana, havia encostado uma canôa. Uns ramos cortados levavam direito para um páo, no interior da matta, de cuja casca tinham tirado tres pedacinhos, como se fosse para um remedio

Passei depois por uma enorme barreira, na margem esquerda, de 25 metros de altura por 250 a 300 metros de comprimento, encontrando uma capoeira de dois annos, com quatro ranchos grandes. Desembarquei e revistei o logar. Um caminho limpo levava do porto á maloca de quatro ranchos,

no interior da capoeira. Os ranchos haviam sido feitos no tempo em que a roça deu fructos, mas, muito depois, talvez no fim de 1921, ainda havia sido habitado ao menos um delles. Na beira da fogueira, vimos enormes sabugos de milho; medi um: tinha 37 centímetros de comprimento. Um pilão cylindrico com 2 1/2 palmos de bocca e 4 palmos de altura, estava deitado no chão, com a mão ao lado. Este rancho media folgadoamente 8x6 e os esteios da cumieira tinham uma altura de mais de 3 metros. Havia por dentro 8 esteios grossos e, por fóra, 9 mais finos, formando uma especie de varanda. A cobertura era feita de pannos de ubim, bem tecidos, em baixo, e, em cima, folhas de uauauçú. Ao pé de um dos esteios achava-se uma pequena gaiola, de varinhas verticaes, fechada com palha, por cima. Na capoeira havia ainda bananeiras, mamoeiros e urucuzeiros».

II

No dia 31 de março de 1922, o auxiliar Curt Nimuendajú chegou ao local destinado ao posto de pacificação com a sua expedição composta de 22 trabalhadores, 2 carpinteiros e um auxiliar, encarregado do material, procedendo, desde logo, ao brocamento da respectiva area e ao levantamento de dois ranchos provisorios, um dos quaes servia de cozinha e abrigo do pessoal e, outro, de deposito do material, munições de bocca e outras mercadorias.

Os expedicionarios tiveram de passar alguns dias amargos, sujeitos ao desconforto e ás incertezas da vida, por isso que, somente a 13 de abril foi que ultimaram a construcção do barracão definitivo, provendo-o de paredes e cobertura de zinco. O proprio ficara situado num terreno dominante, que faz frente, pelo lado Norte, com o rio Maicy-mirim, correndo a Leste, em fórmula de pontal, uma nesga de terra que se inclina até o ponto de confluencia daquelle rio com o igarapé 9 de Janeiro. Dos lados Sul e Oeste, a area brocada se communica com dois antigos varadoiros dos

Parintintins, um dos quaes facilita o transito para o centro do seringal «Paraiso», no rio Madeira.

Ultimada a installação do posto, o auxiliar Curt, acompanhado de alguns trabalhadores, internou-se pelos caminhos terrestres, trilhados pelos indios, inaugurando postos de brindes nos trechos em que havia capoeiras e outros indicios palpaveis da passagem dos Parintintins. Percorreu depois, em canôas, solitarias paragens dos igarapés 9 de Janeiro, Macacos e Trahira, levantando outros postos de brindes em logares suspeitos das margens, onde cascas de ouriço, ninhos arrancados e rastros humanos, visivelmente assignalados no solo, indicavam a ronda habitual da famosa tribu.

Realisada esta arriscada aventura, desceu elle o rio Maicy-mirim para inaugurar outros postos de brindes nos caminhos anteriormente constatados. A viagem foi coroada de grande exito, porque, dois dias abaixo do posto de pacificação, encontrou galhos quebrados e fragmentos de casca a denotar que, depois do segundo reconhecimento, os Parintintins haviam sahido.

Que fez elle? Encostou a canôa nessa paragem silenciosa, desembarcou e subiu o declive de uma barreira dominante, em cujo alto sentiu os olhares presos nas ruinas de uma velha maloca. Elle mesmo se incumbe de esboçar o quadro desse suggestivo logar. «Tres esteios enormes, de quasi seis metros de altura e mais de vinte centimetros de diametro tinham sustentado a cumieira, hoje já cahida. O comprimento da casa tinha sido de uns vinte metros. Situada no fundo de um remanso, num alto que governa dois estirões do rio, aquella maloca, quando ainda estava habitada, deve ter sido um dos logares mais lindos do Maicy. Por muito tempo não pude tirar a vista desta tapera. Pensei nos tempos em que as rêdes, vermelhas de urucú, ainda alli estavam atadas de esteio em esteio, quando a fumaça fina e azul subia das fogueiras; vi as creanças que então brincavam ao pé da collina, no porto da maloca, e o caçador que, suspendendo o caetitú, que matara, do fundo da canôa de casca, subira com elle a ladeira, entre os commentarios alegres das mu-

Iheres Ha uns quatro ou cinco annos já, este quadro se tinha transformado. A invasão dos incendiarios peruanos havia obrigado os Parintintins a abandonarem esta linda morada e a refugiarem-se da beira de seu rio para o centro das terras, ficando alli em pé, sós, como mudo protesto contra a injustiça soffrida, os esteios ennegrecidos de sua maloca. Mas, não tardou muito que eu tivesse de ouvir este protesto, feito pelos indios á viva voz».

Os postos de brindes nada mais eram que tapirys isolados, cobertos por uma ou duas folhas de zinco. Debaixo delles, a salvo das chuvas, eram collocados cestos crivados de anneis, collares e fios de missanga, terçados, machados, facas, utensilios e outros objectos, alguns dos quaes pendiam interiormente do tecto de zinco, suspensos por cordões. Eram estes os presentes com que os pacificadores visavam não só conquistar a amizade dos selvagens como provel-os de instrumentos modernos que, substituindo os de uso primitivo, podessem facilitar-lhes a actividade na lavoura e na pequena industria.

Depois da inauguração desses postos, os Parintintins começaram a retirar os objectos, furtivamente, deixando no logar estrepes e flechas fincadas no solo, como signal evidente de que tinham desconfiança dos intuitos de seus protectores e com elles não queriam relações.

O auxiliar Curt visitava de vez em quando esses postos, ceutelosamente, para renovar as provisões de brindes, tendo sempre o cuidado de amarrar pequenos objectos nas hastes das flechas que, deixadas pelos Parintintins, continuavam fincadas nos mesmos logares.

Numa dessas perigosas visitas havia elle atravessado uma capoeira, a grande distancia do posto, quando viu no caminho que trilhava, por detraz de uma arvore cahida, em sentido transversal, tres pontas de flecha, fincadas obliquamente no chão, formando um angulo de 50 a 60 graus.

Era a astucia dos Parintintins que, deste modo, havia preparado uma cilada para os seus pacificadores, sendo de

notar que, por pouco, um trabalhador não fôra victima de uma estrepada.

Proseguindo cautelosamente na sua marcha e sondando o caminho com uma vara, mais adiante o auxiliar encontrou mais dois estrepes, em idênticas condições, ambos recatados por uma folha de arvore, para disfarce.

Noutra occasião, andando pela matta com quatro homens, para verificar outros postos de brindes, notou que um delles, também localizado numa capoeira, não havia sido revistado pelos indios, pois as flechas que, dias antes, havia deixado como presente, ainda permaneciam no mesmo estado, conservando os objectos que pendiam de suas hastes, inclusive uma lima de ferro.

Continuou no seu trajecto, percorrendo mais alguns trechos do caminho, e, na volta, passando por um pequeno desvio, que corta o trilho dos indios, á beira do igarapé 9 de Janeiro, deparou no chão com a mesma lima de ferro que, minutos antes, estava no posto de brindes da capoeira.

O caso despertou grande surpresa, e foi então que o auxiliar Curt comprehendeu que os Parintintins o acompanhavam occultamente.

Seguiram-se a estes, muitos outros expedientes curiosos dos famosos guerreiros. Muitas vezes, aos primeiros albores da manhã ou nas horas silenciosas da tarde, os trabalhadores do posto ouviam roncões de caetitú, guinchos de macaco e pios de inambú, que partiam das mattas adjacentes. Eram os indios que, na sua ronda occulta, imitando esses animaes com admiravel pericia, procuravam attrahir os caçadores do posto ao local, onde, provavelmente, estavam bem seguros e dispostos a apanhar a presa.

Esses planos, todavia, nunca surtiram effeito. A prudencia era a verdadeira conselheira daquelles heróes que, num gesto de abnegação cívica, haviam tomado a tarefa de arrancar das selvas para a civilisação uma tribu notavel pelas suas velhas tradições.

III

O primeiro ataque dos Parintintins ao posto de pacificação ocorreu a 16 de abril de 1922.

Era domingo. O sol loirejava com os seus raios a floresta e aljofrava a superfície calma do rio Maicy-mirim, enchendo de poesia aquelle recanto solitario.

No interior do barracão, sobre um estrado de taboas que servia de mesa, o auxiliar Curt almoçava com o diarista Amaro José de Oliveira e os dois carpinteiros. Os trabalhadores, já tendo feito as suas refeições, palestravam despreocupadamente no terreiro, excepto o de nome Raymundo Baptista, que havia rumado para a matta proxima, a poucos metros de distancia.

Era esta a situação do posto, quando, de subito, do lado do Oeste, ao fundo da area brocada, partiram echos extranhos e estridulantes: os gritos de guerra dos Parintintins !

A sentinella deu logo o alarme e, depressa, o auxiliar Curt fez postar o seu pessoal por traz do acampamento, collocando-o ao abrigo das paredes de zinco.

Os Parintintins, em numero limitado, vinham por terra abeirando o rio, por um trilho da margem direita, mas, a cem metros de distancia, sentindo a presença dos trabalhadores, recuaram um pouco á direita do trilho, agachando-se cautelosamente na matta, onde tiraram as capas de folhas que envolviam as pontas de suas flechas.

O momento era de grave espectativa para o trabalhador Raymundo Baptista, que, estando no escuro da matta, do lado esquerdo do trilho, poudo observar os selvagens sem ser presentido, tal a protecção que um milagre da sorte lhe dispensara naquelle instante.

Teve pavor, mas não perdeu a necessaria calma, conservando-se immovel no seu esconderijo.

Momentos depois, quando os indios já haviam retomado o trilho, chegando ao ponto que desembocca na broca do acampamento, Baptista poudo vêr que um delles, agachado, espreitava curiosamente a area devassada, como quem procura sondar as profundezas de uma gruta mysteriosa.

Nesta delicada emergencia, tratou de correr, tomando a picada que abeira o rio e passando rente aos indios, em demanda do posto, onde o pessoal se mantinha na expectativa dos acontecimentos.

Os Parintintins ficaram como que vacillantes ante aquelle homem extranho, que surgira mysteriosamente da floresta, com a celeridade de um corcel, de modo que, só quando elle já havia alcançado o terreiro do posto, foi que desferiram algumas flechas, rompendo nos seus gritos de guerra e penetrando de novo na matta, pela picada do perimetro.

Pouco depois, notando que o pessoal do posto se mantinha calmo, sem nenhum gesto de hostilidade, os indios rodearam o acampamento pelo lado do Sul, entre o rendilhado da floresta que o contorna, indo tomar posição a Leste, no ponto de confluencia do Maicy-mirim com o igarapé 9 de Janeiro. Ahi treparam numa arvore frondosa e, escondidos entre os galhos, se detiveram por mais de meia hora em observar o acampamento.

Depois, escorregando da arvore e levantando os seus gritos de guerra, sumiram-se pela margem do igarapé 9 de Janeiro.

O auxiliar Curt, tomando pressurosamente uma canôa, com tres homens, seguiu no encalço dos Parintintins, conseguindo lobrigal-os a uma certa distancia. Dahi levantou as mãos, que sustinham dois machados e dois terçados, gritando na lingua geral: — «Parentes! Não faço mal a vocês! Aqui tem terçados para vocês!» Mas já a sombra dos Parintintins ia desapparecendo no rendilhado da matta.

Diz o auxiliar Curt que, se gritou na lingua geral, fel-o com pouca esperanza de ser entendido e mais para que elles notassem, na entonação de sua voz, que não estava zangado e, antes, os convidava para alguma coisa.

IV

Decorridos alguns dias de treguas, após o primeiro encontro com os índios, o pessoal do posto foi, no dia 28 de abril, surpreendido por um novo ataque.

Eram sete horas da manhã. Calmo e isolado na angustura de seu quarto, onde ruminava algumas idéas, de repente o auxiliar Curt sentiu o estalo de uma flecha no zinco do barracão. A esse tempo, dirigindo-se á cosinha, um dos trabalhadores notou que outras flechas vinham voando do canto sudoeste da cerca que protege o barracão, sem poder, no entanto, divulgar os atiradores. Abrigou-se atrás da parede da cosinha, enquanto os índios, de dentro de um igapó, que fica a cinquenta metros do posto, rompiam nos seus gritos costumeiros, de vez em quando arremedando tiros de rifle.

Ao contrario dos brados de guerra do primeiro encontro, os gritos de agora pareciam pouco animados e sem expressão.

O auxiliar Curt assomou então o barranco, chamando os Parintintins, mas elles não ligaram ao caso a menor importancia, fugindo immediatamente, de sorte que, em menos de vinte segundos, tudo estava outra vez em silencio.

Uma das flechas havia atravessado a janella do quarto dos trabalhadores, que estava aberta, resvalando e fincando-se no chão. Outra attingira o terreiro, atrás da cosinha. A terceira, em cima da coivara, na beira do terreno, e mais duas outras cahiram na roça, em frente ao barracão. Com excepção de uma, as flechas eram velhas, com pontas gastas, faltando em algumas as características pennas de tucano.

Mais tarde, fazendo demorada pesquisa, o auxiliar verificou que os índios, na retirada, haviam levado os presentes de um posto de brindes, situado nas proximidades do acampamento. A uns cem metros do referido posto, trilhando uma picada, que abeira o igapó, encontrou no chão

duas flechas e uma terceira atravessada por cima dellas, com a ponta ligeiramente espetada na terra. Pouco adiante havia duas outras flechas, bem juntas, com as pontas cravadas no solo e as outras extremidades em cima de um cipó horizontal; e, finalmente, mais acima, tres outras flechas, num feixe, todas novas e bonitas, tendo cada uma um ornato gravado na ponta da taquara.

Compreendeu que ellas haviam sido deixadas alli pelos indios, como dadivas e, por isso, as recolheu ao posto, ficando no lugar uma vara com um lenço, tendo este amarrado em uma das pontas um punhado de missangas. A ponta dessa vara indicava a direcção de um dos postos de brindes, situado nas immediações.

Amorteciam as ultimas impressões desse ataque, quando, no dia 4 de maio, procedendo á abertura de sargetas em torno do barracão, o pessoal notou que, do pontal, do lado do igarapé 9 de Janeiro, partia um enchame de flechas, que vinham cahir sobre as aguas do Maicy-mirim, sem que ao menos uma alcançasse a divisa do acampamento.

Eram os Parintintins que lá se achavam e que depois, fazendo grande algazarra, começaram a retirar-se pela margem direita do igarapé acima, sem grande pressa.

Desta vez, no meio do alarido, o sr. Curt ouviu expressões que pareciam ter a entoação de insultos e imprecações.

Chamando os indios, com calma e pronunciando bem as palavras dialecticas, notou que elles, por um momento, pareciam prestar alguma attenção. Mas, logo redobram a algazarra e desapareceram no labyrintho da matta.

O auxiliar apanhou as flechas, em numero de dezeseite, verificando que, com excepção de tres, as demais eram de rapazolas de 15 annos. Algumas apresentavam lindos enfeites de pennas de cabeça de mutum, de anambé e de ariramba da matta, notando-se que uma outra, com ponta de páo dentada e emplumação tangencial, differia sensivelmente do typo commum das flechas dos Parintintins, lembrando mais o typo das armas dos Apiacás.

V

A terceira tentativa dos Parintintins foi quasi um romance para os seus pacificadores, tal a variedade das scenas que se desenrolaram, cada qual a mais curiosa.

La alta a manhã de 28 de maio, entre os beijos de um sol encantador, quando, do lado do pontal, partiram os primeiros rumores de vozes confusas, entrecortadas de pavorosa chuva de flechas.

Voando na direcção do acampamento, como pontos de exclamação que riscavam o espaço, algumas dessas flechas cahiram no terreiro e outras estalaram no zinco do barracão. Espreitando o scenario por uma fresta, o auxiliar Curt notou que, instantes depois, tendo forçado a porteira da cerca de arame farpada, que protegia a area do posto, do lado Leste, os Parintintins entravam afoitamente no terreiro, com os seus arcos em riste, como que preparados para uma grande lucta.

Evitando o perigo, ordenou que o seu pessoal simulasse uma ostentação de força, armado de rifle, e, por este meio, conseguiu intimidar os selvagens, que, na supposição de uma repulsa, recuaram do local, postando-se fóra da cerca.

Foi então que, assomando ao terreiro, com alguns brindes nas mãos, o auxiliar chamou os selvicolas e, não sendo attendido, approximou-se da porteira, onde deixou uma bacia com terçados, machados e outros objectos, recuando immediatamente.

Os Parintintins approximaram-se da porteira e retiraram a bacia com os brindes, levando-os para o pontal, onde fizeram a distribuição e depois treparam nas arvores, atirando, a esmo, algumas flechas.

Esta scena precedeu a outras não menos originaes. Num dos momentos de tregua, descendo corajosamente o barranco e chegando até a beira do rio, o sr. Surt observou que, da margem opposta, a pequena distancia, dois indios lhe dirigiam a fala, exclamando com insistencia *hemú!*, (meu com-

panheiro?), pronunciando *akanitara* (diadema de pennas) e dizendo *bacia*, em portuguez claro. Um terceiro, de 15 annos presumiveis, se mantinha contrario á serenidade dos com panheiros. O seu olhar faiscara de indignação, quando viu que um delles, tirando da cabeça um *akanitara*, fazia menção de offerecel-o ao auxiliar. E tão excessiva era a colera desse indio que, não possuindo mais flechas, fazia o movimento de atirar, gritava, batia o pé e, de instante a instante, á guisa de mofa, imitava os gestos que o sr. Curt fazia com os braços.

O auxiliar mandou buscar uma bacia com missangas e, quando o trabalhador Raymundo Baptista chegava á beira do rio para deital-a sobre as aguas, um indio atirou uma flecha, que, por pouco, não o attingiu.

A despeito disso, o sr. Curt convidou os indios a que atravessassem o rio e viessem buscar a bacia, mas elles ficaram hesitantes, de sorte que, só depois de um breve intervallo foi que um delles, recobrando o animo, atravessou cautelosamente o rio e veiu buscar o objecto, que fluctuava sobre as aguas, voltando em seguida ao seu logar.

Outro grupo de indios, que estava do mesmo lado, suggeriu um systema curioso para a permuta de objectos. Fincou, na beira do rio, uma vara que tinha na outra extremidade um bonito *akanitara*, dando a entender ao sr. Curt que, na margem do posto, tambem fincasse uma vara com missangas, que depois iria buscal-a.

O auxiliar respondeu-lhe que não collocaria a vara, porque os Parintintins jogavam flechas, mas os selvagens recorreram a um expediente engraçado para lhe dar garantia: fizeram signal para elle collocar as missangas e, neste meio tempo, se puzeram a cantar e a dançar, levantando os arcos em sentido vertical, tendo um o diadema; outro, um maço de missangas amarrado na ponta.

E cantavam: *Ya taipehê! Ya taipehê!*

Emquanto quatro indios dançavam, o quinto observava os movimentos do pessoal do posto de pacificação, tomado de natural desconfiança.

O auxiliar fez a vontade delles, collocando as missangas no lugar indicado e, promptamente, um atravessou o rio e veiu buscal-as, deixando-se ficar á beira do barranco.

Os outros quatro companheiros, que haviam ficado no lado opposto, gritaram pedindo mais presentes e, quando o sr. Curt procurava attendel-os, os Parintintins que permaneciam do lado do pontal, trepados nas arvores, desceram immediatamente e tomaram posição, atirando duas flechas que, por um triz, não attingiram o alvo.

Recuando, o auxiliar objectou que não mais deitaria brindes, mas, nessa occasião, o indio que ficara no barranco do posto, approximou-se um pouco do auxiliar e, mostrando as missangas que havia apanhado, deu a entender que não fôra elle que atirara e sim os outros.

Sensibilizado, o sr. Curt foi buscar alguns brindes, acontecendo que, nesse instante, atravessando o rio, os outros quatro indios vieram juntar-se ao companheiro.

Quando o auxiliar voltou ao local, estacionando a poucos metros de distancia dos cinco selvicolas, o mais decidido amarrou um diadema num pedaço de páo e o atirou quasi aos pés do auxiliar, dizendo que apanhasse a dadiva, no que promptamente elle attendeu.

Procurando retribuir a offerta, o sr. Curt manifestou o desejo de entregar pessoalmente varias missangas ao indio, mas este recusou, exclamando: — *Emombó!* (joga).

O auxiliar não insistiu; fez a vontade do selvagem, atirando-lhe adornos, utensilios e outros objectos.

Durante esse tempo, valendo-se da curta distancia que o separava, o sr. Curt manteve animada palestra com os indios, falando a lingua *Guarany*, que muito se assemelha ao dialecto dos Parintintins. Um delles indagou se o auxiliar tinha vindo de cima ou de baixo do Caiary (Madeira) e como se chamava a terra delle, tendo o interpellado respondido que chegara de baixo do Caiary e que a sua terra ficava muito longe, do lado do sol nascente. Outro perguntou se o trabalhador Raymundo Baptista, alli presente, era filho do sr.

Curt, ao que este respondeu negativamente, dizendo que havia deixado longe a sua mulher e filhos.

Arrematando esta palestra, durante a qual obteve revelações curiosas dos selvícolas, o auxiliar inquiriu se tinham fome, obtendo, como resposta, uma nota comica, por isso que um delles fez uma careta muito triste, pondo grotescamente as mãos nas dobras da barriga vasia.

O sr. Curt mandou buscar algumas tijellas com farinha d'agua, farinha de tapioca e assucar, e comeu um pouco de tudo á vista delles, observando que viessem buscar esses generos.

Foi então que, tomado de visivel confiança, um dos selvagens, de pouca idade, aproximou-se de seu protector e d'elle recebeu a dadiva. O sr. Curt, querendo aproveitar a occasião, tentou manter um dialogo, face a face, com o indio, mas, esquivando-se desta relação cordial, elle sahiu promptamente e, com outros, deixou o barranco do posto com destino á outra margem, onde comeram e dançaram alegremente, depois sumindo-se no seio da floresta.

Para o sr. Curt foi um successo esse episodio final, porque, pela primeira vez, um Parintintin recebeu pacificamente um objecto das mãos de um civilisado.

VI

Apreciemos agora a acção do auxiliar Amaro José de Oliveira, que, por motivo de licença, concedida ao auxiliar Curt Nimuendajú, havia assumido, em data de 12 de junho, a chefia dos serviços da pacificação.

Na presente gestão ocorreram scenas animadas, algumas no seu aspecto tragi-comico, sobresahindo as do dia 2 de julho, em que o barracão foi invadido por formidavel onda de Parintintins.

Sentindo, nesse dia, a presença dos famosos guerreiros, o auxiliar Amaro correu ao terreiro, e, tendo na mão direita uma saia de cores vivas, acenou insistentemente para os indios, que formigavam no pontal.

Destacando-se do grupo, cinco índios vieram calmamente ao barranco do posto, collocando-se a certa distancia da porteira. Um delles, de apperente velhice, já grisalho, trazia uma rêde de fio de algodão e um lindo *akanitara* feito de pennas de japú, papagaio e periquito castanho. Outro, também idoso, com uma sensível deformação no olho direito, era portador de um bello diadema de pennas; e, os tres ultimos, denotando o vigor da juventude, traziam arcos e flechas com adornos de pennas. Estes eram de tez clara, robustos e de musculos salientes, apresentando na decoração artificial do rosto e do corpo, varias listas de côr preta.

Chegando ao portão da cêrca, acompanhado de alguns trabalhadores, o auxiliar foi abordado pelos cinco índios, notadamente os tres jovens, que, como prova de seus intuitos benignos, atriraram ao chão as suas armas.

O sr. Amaro, dialogando com os dois velhos índios, por meio de gestos e mimicas, comprehendeu então que elles desejavam permutar presentes e, satisfazendo este desejo, déulhes uma saia, missangas e dois fatos de mescla, recebendo, em troca, os objectos indigenas.

Convidados a entrar no terreiro, os selvicolas apresentaram a sua recusa, rumando immediatamente para o lado dos seus companheiros, que gritavam ruidosamente no pontal, de vez em quando imitando tiros de rifle.

Esta expectativa prolongou-se por algum tempo, proporcionando um espectáculo deveras pittoresco. Mas, num dado momento, o quadro tomou outra feição. Aconteceu que, deixando o pontal, todos os índios vieram, pressurosos, para o barranco do posto, dando tempo apenas a que o sr. Amaro e os trabalhadores se recolhessem cautelosamente ao barracão.

Que se viu então? Enquanto alguns demonstravam os seus bons intuitos, deixando as armas no barranco, outros arremettiam celeremente contra a cerca de arame farpado, destruindo-a em grande extensão.

Na previsão do assalto, o sr. Amaro tentou fazer uma ostentação de força, com uma descarga de rifle para o ar, mas, nesta occasião, alguns índios, que já haviam penetrado

no terreiro, pelo portão, fizeram signaes de que não tinham nenhum proposito bellicoso.

O auxiliar reuniu então o seu pessoal na cosinha e, com moderação e confiança, permittiu que os primeiros visitantes se approximassem do barracão, dando-lhes a porta alguns presentes.

Os selvicolas receberam as dadivas, com satisfação, e procuraram manter palestra com o pessoal, mas, de subito, a onda que vinha atraz invadiu o acampamento.

Estabelecida a confusão, nem por isso foi grande o pavor daquella gente, vendo que os Parintintins, penetrando pelas demais portas do barracão, devassavam todas as suas dependencias. Havia alli essa indecisão que sempre actua nos momentos embaraçosos do perigo.

Confundido com a onda invasora, o auxiliar e seus subordinados não perderam a necessaria calma, trocando gestos amistosos com alguns indios, enquanto outros, revistando os depositos, procediam a uma verdadeira pilhagem, como se aquillo, para elles, não constituísse um roubo. A limpeza foi quasi total, pois os selvicolas levaram um relógio de parede, machados, terçados, missangas, fazendas e um paneiro com pratos esmaltados. Lançando mão de alguns volumes de milho e feijão, despejaram o conteúdo no terreiro, conduzindo apenas os saccos.

Um dos indios mais exaltados, acercando-se do trabalhador Francisco Felipe dos Santos, arrebatou-lhe o chapéo de palha da cabeça, tambem apossando-se de uma navalha de barba que elle tinha no bolso do paletot. Outro, pedindo o ultimo terçado que o sr. Amaro tinha á mão, deu-lhe em troca um arco e quatro flechas lindamente emplumadas; e, até uma velha india, que participava da pilhagem, metteu os dentes na blusa do trabalhador Mariano Lopes, arrancando todos os botões.

O auxiliar Amaro censurou um dos trabalhadores, que tentara reagir no momento, ponderando que o seu acto poderia provocar resentimentos no espirito dos Parintintins e contribuir para o entrave dos serviços de pacificação.

O mais interessante é que, após o saque, enquanto alguns índios levavam as mercadorias para o pontal, outros experimentavam as ferramentas em todos os páos que encontravam, sendo alvo o proprio mastro da bandeira, que, por pouco, não foi decepado a terçado.

Na sua retirada, a onda expediu do pontal algumas flechas, sem visar, todavia, a divisa do posto, por isso que todas cahiram sobre as aguas do Maicy-mirim.

VII

A manhã de 21 de julho foi de immensa tristeza para o pessoal do posto de pacificação, porque acabavam de enterrar o cadaver de seu companheiro Soares dos Santos, que havia succumbido de beri-beri.

Conversava o pessoal no interior do barracão, lembrando episodios da vida do infortunado trabalhador, quando uma das sentinellas deu o alarme costumeiro, observando que um grupo de Parintintins havia apparecido no pontal.

O auxiliar Amaro correu ao terreiro e, por meio de acenos, chamou os selvicolas, que se mantinham em attitude calma e quasi todos desprovidos de armas. Alguns índios vieram promptamente á porteira, com lindos *akanitaras* de pennas de arara e mutum, destacando-se do grupo dois velhos guerreiros, que tinham as faces ataviadas de tatuagens. Um destes trazia na mão um ouriço com algumas castanhas e um pedaço de beijú.

Ingressando os visitantes no terreiro, o auxiliar Amaro e seus trabalhadores confundiram-se amistosamente com elles, fazendo permutas de objectos. Um menor, entregando ao auxiliar uma tanga, deu a entender que sua mãe havia mandado trocar esse objecto por outros, tendo o sr. Amaro lido dado varios adornos e um fatinho de mescla. Uma india pediu ao trabalhador Antonio Lobato a calça e a blusa que elle vestia e, não sendo attendida, exclamo em tom de mofo:

— *Tira-hum!* (ruim).

Entrementes, um indio que estava fora do posto, entendeu de penetrar no terreiro, pelo arame da cerca, do que resultou soffrer um ligeiro ferimento no braço direito. Um trabalhador quiz ministrar-lhe uma fricção de Maravilha, mas, tomado de desconfiança, o selvagem recusou a applicação do remedio.

A nota curiosa do dia foi constituida por um dos velhos indios, que haviam ingressado no terreiro. Este selvicola, approximando-se, por um momento, da sepultura de Soares dos Santos, que fica á pequena distancia do barracão, perguntou ao trabalhador Raymundo Baptista, por meio de gestos, se o morto não havia sido flechado pelos indios.

Como Baptista respondesse negativamente, o velho tentou revolver a sepultura, para examinar o cadaver, sendo nisso obstado.

O velho voltou então ao terreiro do barracão e, de repente, começou a dançar alacremenente, dando pulos e gritos rouquenhos que mais pareciam partidos de uma caverna. De vez em quando entrecortava a dança com gestos sinistros, fingindo brandir arcos ou entrar em lucta com espiritos malignos. Outras vezes, simulava cortar o pescoço com a mão direita, suspendendo os cabellos com a esquerda.

Quasi no final desta scena, os outros indios presentes secundaram-n'o na representação, tambem exhibindo-se com as suas danças caracteristicas.

Depois de uma hora de estadia no posto, os selvagens sahiram ruidosamente, nos seus brados de guerra, tentando um delles, na occasião, abater o mastro da bandeira.

VIII

No dia 25 de agosto, outro grupo de indios visitou o posto, fazendo-se acompanhar de um que era cego e tinha por guia um dos seus companheiros.

Nessa visita, apanhando uma pequena lata com kerozene, que encontrara á porta do barracão, um dos selvicolas

derramou o liquido na cabeça, friccionou os cabellos e depois aspirou suavemente as emanções, poisando as mãos sobre as fossas nazaes. Outro, notando que o auxiliar Amaro havia feito a barba, alisou com as mãos as faces d'elle e manifestou o desejo de ser tambem barbeado.

No meio desses indios, destacava-se um com o modelo rustico de um chapéo feito de palha e guarnecido por espinhos de tucuman. Mostrando a um dos trabalhadores essa exotica armação, o selvicola fel-o comprehender que desejava um outro chapéo do mesmo typo, mas trabalhado pela mão do civilisado.

Outro cingiu a cintura com uma tira de embira para demonstrar a sua vontade de possuir um cinturão de balata igual ao que era usado por alguns dos trabalhadores.

O auxiliar Amaro deu alguns generos alimenticios a esses indios e prometteu attender ás suas encommendas, motivo pelo qual, revelando intima satisfação, elles se puzeram a dançar e a cantar, soprando as suas gaitas de bambú.

Assim passaram alguns momentos, retirando-se em seguida para o pontal.

Mais tarde, quando o pessoal se entretinha em serviços caseiros, no interior do barracão, outro grupo de Parintintins appareceu no barranco do posto, sem dar o aviso costumeiro nas immediações. Vendo que esses indios entravam pela porteira, munidos de terçados, o auxiliar Amaro fez um gesto indicativo de que os não receberia, se viessem de armas na mão.

Os aborigenes deixaram os terçados a um canto e aproximaram-se do barracão, pedindo e obtendo alguns brindes insignificantes.

Na retirada, quatro delles convidaram o trabalhador Antonio Gomes da Rocha a acompanhal-os até o portão e, sendo attendidos, ahi se detiveram em dialogo, por meio de gestos e mimicas.

Entrementes, o mais afoito pegou de um cacete e, levando á bocca uma das extremidades, simulou tocar algum

instrumento de sopro, fingindo-se despreocupado com a palestra.

Compreendendo que se tratava de uma cilada, o trabalhador ficou de sobreaviso, sem deixar transparecer no semblante a sua fiada suspeita. De modo que, num breve instante, quando o selvicola lhe desfechava uma cacetada, soube defender-se com a precisa agilidade, pondo a cabeça a salvo do perigo.

Prudentemente, Rocha deu o grito de alarme e, quando os companheiros chegavam celeremente á porteira, os selvicolas fugiam em debandada, desapparecendo na matta proxima.

Mais tarde, quando os trabalhadores tiravam umas folhas de umbauba, na margem do igarapé 9 de Janeiro, encontraram, occultos, quatros cacetes e um maço de embira.

IX

Uma visita não menos animada de episodios tragi-comicos foi a que os Parintintins fizeram ao posto, na manhã de 31 de agosto.

Como de costume, elles appareceram no pontal, levantando os seus gritos de guerra, e, pouco depois, vieram ter á porteira do acampamento, onde o auxiliar Amaro os recebeu com gestos de cordialidade.

Penetrando no terreiro, alguns dos selvicolas deram ao pessoal as suas armas de guerra, como prova de absoluta confiança. Outros fizeram presente de uma réde, de bellos *akanitaras* e novellos de fio de algodão, dando tambem um mutum e um corcovado que haviam flechado em viagem. Outros ainda correram á matta proxima, de lá trazendo castanhas, que haviam deixado as occultas.

Os mais indiscretos procediam de modo contrario, pois trepavam na paliçada da varanda do barracão e apontavam com o dedo indicador para o deposito de brindes, que já

havia sido provido pelo posto do medio rio Maicy, exclamando avidamente: — *Môtéo! môtéó!*

O auxiliar Amaro mandou buscar alguns presentes, inclusive quatro costumes para mulher e, quando procurava vestir uma das indias, que tomara a dianteira, a timida selvicola retrahiou-se, com um gesto de recusa, tentando fugir. Mas, nesse interim, foi advertida pelo seu companheiro e, deste modo, não só ella como as demais deixaram-se vestir, calmamente.

Terminada a ligeira distribuição de brindes, os indios puzeram-se a dançar alacremenente no terreiro, cantando as suas canções guerreiras e soprando gaitas de bambú. As mulheres, agora expansivas, procuravam dançar com os trabalhadores, os quaes se excusavam por meio de gestos delicados, permittindo apenas que ellas os levassem pela mão, até o scenario das danças.

Havia, entretanto, entre os presentes, quatro indios desconhecidos que, pela primeira vez, visitavam o posto e iniciavam as suas relações com o pessoal. Um delles, não comprehendendo uma recusa, que, por meio de gestos, lhe fizera o trabalhador João Chrysostomo, insurgiu-se contra este, armado de uma ponta de taboca, ferindo-o na região umbilical.

O facto produziu má impressão na maioria dos selvicolas, dando motivo a que elles, fallando severamente, exprobassem o procedimento do companheiro. Este deixou o terreiro e encaminhou-se para a beira do rio, de lá não mais voltando.

Terminado o incidente, alguns indios manifestaram o desejo de tomar banho com os civilisados, sendo acompanhados até o porto por quatro trabalhadores que, com elles, se atiraram ao Maicy-mirim, mantendo-se ahi por muito tempo, em exercicios de natação, o que muito aguçou a curiosidade dos Parintintins.

Por volta das dez horas, o auxiliar Amaro mandou preparar o almoço e fel-o servir aos indios, que, providos de cuias, comeram gostosamente á sombra das arvores. Depois

fizeram a sesta habitual, deitando-se alguns no solo e outros conservando-se sentados, de costas voltadas para o barracão, como prova de confiança.

Ao cair da tarde, provavelmente dominados pelo desejo de chegarem, quanto antes, às suas malocas, os Parintintins deixaram o posto pressurosamente. Nesta retirada, sentindo que as vestes dificultavam os seus passos, as mulheres arregaçaram as saias, acima da cintura, e assim puderam seguir às pegadas dos seus companheiros.

X

Quando raiou o anno de 1923, o auxiliar Curt Nimuendajú, já havia retomado a chefia dos serviços de pacificação.

Curta, porém, foi a sua permanencia, pois teve de voltar novamente a Belém para tratar de serviços de seu particular interesse.

Nesta ultima estadia, a sua maior preocupação foi convencer aos Parintintins que o pessoal do posto era subordinado a um chefe, que o mandara para o Maicy-mirim com o fim de protegel-os.

Disse o sr. Curt, num dos seus relatorios, que, um dia, palestrando com os selvicolas, explicou-lhes o longo percurso que fazia para chegar até á casa deste chefe (*nhanderubirab*), desenhando no chão os rios trafegados pela embarcação e dando uma idéa das bellezas artificiaes que se encontravam nos caminhos percorridos.

Demonstrando o interesse do chefe em proteger os indios, observou que, enquanto os Parintintins atacavam obstinadamente o pessoal do posto, este os recebia com brindes na mão, muito embora dispondo de rifles para uma repulsa.

No decurso dessa exposição, falando o dialecto dos Parintintins, que se lhe tornara familiar em pouco tempo de serviço, o auxiliar entrecortava as palavras, de vez em quando, com esta expressão:

— «O nosso chefe ordenou: não matem os Parintintins! Acabem com a guerra! Sejam companheiros!»!

Era interessante observá-los quando ouviam estas explicações. Um indio, de nome Emboakary, tendo as mãos reclinadas nos joelhos do sr. Curt, olhava para elle com toda attenção, interessado em não perder uma só palavra.

Depois, disse por duas ou tres vezes, com gestos expressivos, como quem sente na alma um vislumbre de penitencia:

— «*Dorokoi pendehé!*» (não guerreemos mais).

Outros indios commentavam o assumpto, indagando curiosamente se esse chefe usava a bainha de folhas de arumã e as ligas nos braços, como elles, e se fazia guerra a outras gentes.

O auxiliar respondia a todos com a maxima solitudine, fazendo-se comprehender com clareza, de sorte que, dentro de poucos dias, a noticia espalhara-se em todas as malocas daquela região.

Foi uma das medidas mais acertadas, porque attraheu ao posto indios que ainda não o haviam visitado, nem entrado em relações com o pessoal, os quaes prœcuravam certificar-se da existencia desse chefe para elles desconhecido.

Desde então, toda vez que frequentavam o posto, os Parintintins tomavam pelo braço o auxiliar e o levavam até o barranco, onde, apontando com os dedos para o rio, pediam insistentemente:

— «Conta do nosso chefe! Conta dos rios!»

E costumavam ajuntar:

— «A guerra se acabou! A guerra se acabou!»

A principio o auxiliar Curt «tentara obter dos Parintintins alguns objectos ethnologicamente interessantes, mas cêdo teve de desistir, devido á incrível ganancia desses indios. Acontecia que, se perguntava por isto ou aquillo, demonstrando algum interesse, elles traziam em massa não o objecto pedido mas imitações pessimamente feitas e sem nenhum valor. Um instrumento para produzir fogo (*emoendê-tatá*), elles cortaram ao meio, e dois indios vieram negociar cada um a metade. Assim, quando um indio queria trocar o seu

arco, ás vezes o desarmava e trocava primeiro o páo e depois a corda, para fazer o negocio render».

O indio Diahhy, que havia recebido de presente uma pequena montaria, por serviços prestados ao posto, no mesmo dia appareceu alli com dois peixes, exigindo por elles um machado, um terçado e outros brindes e, como não fosse satisfeito, levou outra vez os peixes.

De uma vez, uma india maltratou uma creança, e, como o auxiliar acariciasse a menor, dando-lhe alguns brindes, outras indias simularam castigar os seus filhos com o fim de extorquir presentes.

XI

A proficiente habilidade do auxiliar Curt Nimuendajú conseguiu, de algum modo, modificar alguns actos inconvenientes de muitos Parintintins. Outros, porém, persistiam vacillantes nas suas attitudes, mostrando-se ás vezes doces e obedientes e, outras vezes, immoderados e rebeldes para com os seus pacificadores.

O pessoal do posto teve mais uma prova disto no dia 12 de fevereiro, por occasião de uma visita feita por dois grupos de selvícolas, dos quaes se destacavam os famosos guerreiros Diahhy, o mais intimo; Ypuai, Pirá, Oyiporui e Matikamunde.

Notando este ultimo a consideração dispensada a Diahhy, que palestrava cordialmente com o auxiliar Curt, ficou, por isso, despeitado, e irmanou-se nos seus sentimentos hostis com outros indios que, reprehendidos por irregularidades commettidas no estabelecimento, ainda se mostravam resentidos.

O certo é que, tomando por pretexto, uma questão frivola com o cosinheiro do posto, Matikamundé se retirou para a margem do rio, acompanhado dos demais e até de Diahhy, e, pouco depois, esse grupo appareceu armado, no canto da cêrca, chamando o cosinheiro com gestos aggressivos.

Não conformados com a attitude pacifica de seus protectores, alguns desses indios romperam em formidavel carga

de flechas sobre o posto, enquanto outros começavam a demolir a cêrca de arame.

Quando o auxiliar Curt sahia fora, notando que Diahhy, já sem flechas, se afastava dos outros, rumo da porteira, chamou-o em tom cordial:

— Diahhy! Diahhy! Venha! Eu não atiro!

E o indio promptamente attendeu, entrando e deixando-se ficar ao lado do pessoal.

Pouco depois foi buscar no meio dos companheiros hostis o seu irmão Pirá e tambem Oyiporui, mas este ultimo preferiu ficar ao lado dos atacantes, que, durante esse tempo, não deixaram de visar o barracão com as suas descargas de flecha.

À frente do grupo estavam Ypuai, desafiando o pessoal a que atirasse, e Matikamundé, ainda vestido com uma ce-roula que um trabalhador lhe havia dado. Por tres vezes atiraram contra o auxiliar Garcia, quando, desassombradamente, tentara dirigir-lhes a fala, a campo limpo. Uma das flechas roçou pelos cabellos desse afoito auxiliar e, outra, por pouco não attingiu o sr. Curt.

Oyiporui avançou pela parte da cêrca abatida e, sem prestar atenção aos chamados de seus pacificadores, entrincheirou-se por detraz de um páo, a trinta metros do barracão, atirando na direcção das portas e das janellas, tendo algumas flechas cahido no interior.

Este quadro desenrolou-se por espaço de vinte minutos. Mas, quando não houve meio de abrandar a ira dos destemidos guerreiros, Curt dividiu o seu pessoal em dois grupos e debaixo de uma descarga de rifle para o ar, correndo de dois lados contra os atacantes, conseguiu pô-los em debandada.

Na fuga, os selvicolas deixaram no chão as suas armas e atiraram-se ao rio Maicy-mirim, rumo da bocca do igarapé 9 de Janeiro, onde desepararam.

Diahhy e Pirá assistiram á scena calmamente, deixando-se ficar dentro do posto. Oyiporui, que não havia acompanhado

os fugitivos, veio depois ao barracão, a chamado de Diahy, mostrando-se tranquillo e calmo como se nada houvesse acontecido. O auxiliar Curt reprehendeu-o severamente, dando-lhe em seguida um pouco de farinha, que elle pedira para levar para os filhinhos.

Passados alguns minutos, o referido auxiliar mandou que os tres indios atirassem flechas a um alvo feito numa barrica, e, depois, mostrou-lhes o effeito das balas, mandando dar dois tiros de rifle no mesmo alvo. No dia seguinte, esses indios voltaram ao posto, portando-se de modo conveniente. Mas, na sahida, romperam nos seus costumeiros gritos de guerra, simulando um tiroteio com pancadas nas sapopemas.

XII

Foi ainda na gestão do auxiliar Curt que o posto recebeu, simultaneamente, a visita de varios grupos de indios.

Fazendo-se acompanhar de suas mulheres e filhos, alguns vieram por terra, através dos varadoiros que se communicam com os fundos do posto, e outros chegaram em canôas de casca, pelo lado do igarapé 9 de Janeiro.

Nessa visita, os selvicolas mostraram-se alegres e satisfeitos, recebendo brindes do pessoal e dando-lhes fructas, milho verde e outros generos colhidos em suas malocas. As mulheres offereceram farinha e beijús de milho, que prepararam no acampamento, utilizando-se, para isso, de uma vasilha esmaltada.

Era indizivel a alegria desses selvicolas, e o modo por que se expandiam com o pessoal, offerecendo um quadro de veras impressionante.

As creanças, revelando muita vivacidade e desembaraço, brincavam descuidadosamente no terreiro com caixas vazias e outros objectos, de vez em quando trepando no collo dos trabalhadores.

Dois velhos indios, não satisfeitos com os seus *cavaignacs*, ralos e bastantes crescidos, manifestaram ao auxiliar Curt o desejo de raspar-os.

Outros, insistiram para que se lhes cortassem os cabellos, mas o auxiliar, na preocupação de não descaracterisal-os, teve o cuidado de só mandar aparar os cabellos em roda.

O guerreiro Tauary pediu o arco e flecha e foi pescar no igarapé, de lá voltando risonho e pressuroso com dois peixes na mão.

À noite, quando o luar distendia o seu clarão diaphano sobre o espaço, os indios puzeram-se a dançar no terreiro, ao som alacre das suas cantigas guerreiras.

A brincadeira prolongou-se até ás 21 $\frac{1}{2}$ horas, e, por fim, os indios Yuaká e Apairandá dispuzeram-se a passar o resto da noite na cosinha, em rédes que lhes foram dadas pelo pessoal. Os outros acamparam no pontal, do lado do igarapé 9 de Janeiro, preferindo dormir ao relento.

Pela manhã do dia seguinte, esses indios tomaram café e deixaram o posto sem nenhum movimento de hostilidade.

XIII

Com a retirada do sr. Curt, para Belém, entrara na chefia dos serviços de pacificação o seu auxiliar José Garcia de Freitas, que se houve com muita habilidade nessa delicada missão.

Communicativo e afoito, bem depressa se insinuou no espirito dos selvicolas, conseguindo granjear a sua confiança.

É assim que, na manhã de 20 de março, quando tomava café com os trabalhadores, foi elle procurado por um grupo de Parintintins, cujo chefe, mostrando-se interessado, o convidou a ir á maloca, dizendo que uma india havia sido picada por uma cobra.

Temendo uma cilada, o auxiliar deixou de attender ao convite, no momento, observando que o dia era improprio para *soprar* na doente. Mas, na manhã seguinte, embora desconhecendo o caminho, subiu o igarapé 9 de Janeiro, em canôa, levando tres trabalhadores, um indio de nome

Horacio Mangury, da tribo tupy, que servia no posto, como interprete, e um vidro de remedio anti-oiphidico.

A viagem foi fatigante e morosa, tendo o pessoal atravessado sombrios igapós e igarapés solitarios, sem encontrar o menor rastilho dos Parintintins. A uma certa distancia, Mangury trepou numa arvore altaneira e, distendendo a vista sobre a floresta, nada mais viu que indicios de capoeira, ao longe, indicando pontos outrora habitados pelos selvicolas.

Proseguiram então na viagem e, mais adiante, descobrindo um bello igarapé, cujas margens eram de areia branca, matizadas de capim tenro e verde, encontraram uma tocaia em completo abandono. Era um ranchinho de palha, semelhante a uma cupola inteiriça, tendo em torno quatro buracos, á guisa de janellas. Examinaram o interior, encontrando no chão algumas folhas, palhas de uauaçu e rastros de algum indio solitario, que alli estivera em repouso.

Na incerteza da viagem, o pessoal regressou ao posto, deixando alguns brindes numa capoeira, que encontraram mais abaixo, a qual apresentava ainda vestigios de tapirys queimados e diversas arvores fructiferas.

No dia 23, aproveitando a companhia de dois indios, o auxiliar Garcia e os seus trabalhadores emprehenderam nova viagem ás malocas. Fizeram um pequeno percurso por agua e, depois, saltando na margem de um igarapé, penetraram num varadoiro alagadiço e sombrio, que avançava para o centro, descrevendo voltas fatigantes.

Numa certa altura, um dos indios pediu ao auxiliar para tomar a dianteira, allegando que tinha necessidade de annunciar a visita do *nhanderubirab* (chefe) aos companheiros da maloca.

O sr. Garcia attendeu-o, mostrando-se calmo e imperturbavel, ao passo que um dos trabalhadores chegara a ficar impressionado, temendo uma lucta imminente.

Neste interim, demonstrando visivel receio, o outro indio, que ia á frente do pessoal, perguntou ao auxiliar se pre-

tendia matal-o pelas costas, tendo o sr. Garcia respondido que era amigo e não fazia mal aos Parintintins.

Em seguida, deu uma prova de lealdade ao indio, entregando-lhe o rifle, sem a bala na agulha, e collocando-se atraz dos trabalhadores.

O selvicola sorriu, mostrando-se, desde então, mais calmo e confiante.

Depois de atravessar, a pé, um pequeno igarapé, que serpeava pela floresta, o pessoal lobrigou uma clareira na matta, e logo a sua vista ficou maravilhada, vendo uma area descampada onde havia diversas habitações e uma roça com popunheiras, pimenteiras, cará, batata, macacheira.

Era uma das malocas isoladas dos Parintintins, mas os indios e a doente, que o pessoal procurava, haviam fugido pela matta a dentro, logo que tiveram o aviso da chegada da comitiva, ficando apenas no local o emissario que tomara a dianteira.

Comprehendendo o pavor dos fugitivos, o auxiliar não os quiz procurar, deixando, entretanto, alguns bríndes na maloca, pendentos dos esteios das casas.

De volta ao posto, acompanhado dos dois indios que o guiavam, o auxiliar Garcia encontrou no varadoiro um casal de Parintintins, que andava pela matta. Estes, vendo a comitiva, penetraram celeremente na matta, e, como o auxiliar os chamasse, voltaram depois com ares de desconfiança, dando ao seu pacificador uma pequena arara vermelha, que traziam.

O caso proporcionou uma scena inedita ao pessoal, porque os dois indios, que serviam de guias, começaram a mofar dos companheiros, gritando com hilaridade: *Erêkêediê!* (medrosos).

O pessoal regressou ao posto quasi ao cahir da noite, e, na manhã seguinte, a doente alli appareceu, sendo medicada pelo auxiliar Garcia, que verificou que a picada de cobra nada mais era que uma ferida brava, já bastante aggravada por falta de tratamento.

XIV

No dia 28 de março foi o auxiliar Garcia procurado por outro grupo de Parintintins, que o convidou para uma caçada, tendo um delles objectado, com vivo interesse, que queria muitas pennas de arara para fazer *akanitaras* e offerecel-os ao seu protector.

Sem o minimo receio de uma cilada, o auxiliar accedeu ao convite e, dentro de uma hora, seguia com elles para o centro, levando tambem dois trabalhadores, armados de rifle.

Em caminho, notando que os Parintintins tinham serios receios das armas de fogo, o auxiliar entregou um dos rifles a um delles, sem a bala na agulha, dando-lhes assim uma prova de confiança e de bôa intenção.

Depois de duas horas de viagem pelo igarapé 9 de Janeiro, os caçadores chegaram a um dos isolados tapirys dos Parintintins e, ahi, se detiveram por alguns minutos, em preparativos de caça, rumando em seguida para o centro.

A expedição foi dividida em dois grupos, seguindo, por um lado, o auxiliar Garcia, um trabalhador e quatro indios; por outro, o trabalhador Maximiano Pinto e dois selvicolas.

A caçada foi de grande effeito para o serviço de pacificação, porque os Parintintins tiveram o ensejo de admirar a precisão com que os trabalhadores abateram quatro macacos e duas inambús.

Toda vez que a arma disparava, derrubando a caça, elles exclamavam:

— Penhangape !Penhangape!

Na volta, elles não se cançavam de commentar os episodios da caçada. Examinavam, de vez em quando, as caças abatidas, mostrando-se horrorisados com os estragos que as balas haviam produzido na cabeça dos macacos. Esta impressão foi tão apavorante que, chegando ao posto, elles não quizeram receber os macacos, contentando-se apenas em acceitar a offerta das duas inambús, porque estavam com as cabeças intactas.

XV

Quando chegou o mez de setembro, já os índios depositavam inteira confiança e acreditavam nos bons intuitos de seus pacificadores.

O auxiliar Garcia achou que o momento era propicio para uma viagem dos Parintintins ás margens do rio Madeira e, assim pensando, deixara o posto com um grupo numeroso de selvicolas, inclusive mulheres e creanças.

Infelizmente, foi obrigado a interromper a viagem no igarapé Trahiras, dada a escassez de agua para a passagem do batelão, resultando d'ahi a volta immediata de quasi todos os excursionistas.

Não desanimado, o auxiliar serviu-se de uma pequena canôa e proseguiu na sua rota, levando em companhia apenas os índios Diahy, Tukuhy, Igapuhê e Kanderé, que se tornaram celebres nos ataques ao posto de pacificação.

A poucas horas de viagem, desembarcou com os Parintintins e, demandando um varadoiro, pôde alcançar, através da floresta, o logar conhecido por «Laguinho». O percurso tornou-se pouco fatigante, porque os selvicolas, descortinando velhas capoeiras, iam mostrando os logares outr'ora pittorescos onde levantaram os seus ranchinhos, visando de preferencia, nessa revista, os indícios de barracas que foram incendiadas pelo civilisado invasor. E era com tristeza que reviam esses quadros, como que a evocar os tempos fugitivos em que desfructaram allí as venturas do regaço familiar e viram os filhinhos, tantas vezes, a brincar ao clarão das fogueiras.

No trajecto de «Laguinho» para o primeiro centro do seringal «Padua», tendo encontrado as ruinas de uma antiga barraca de seringueiros, que fôra queimada pelos Parintintins, o auxiliar se deteve ahí por alguns minutos, censurando os índios por esse procedimento que tiveram no passado.

Os Parintintins ficaram silenciosos, como que confirmando, facilmente, a sua autoria na obra, tendo apenas um delles,

o de nome Diahý, declarado que não fizera parte da turma incendiaria, mas havia tirado milho, á noite, do roçado, receioso de pedir este alimento aos civilizados que habitavam o logar.

Agora apreciemo-l-os no logar «São Sebastião», onde o gerente Manoel Barahuna os recebeu com carinho, offerecendo-lhes peixes e grande quantidade de fructas.

Attrahidos por uma natural curiosidade, esses indios penetraram nos tapiryrs dos seringueiros e assistiram á defumação de borracha, de vez em quando exclamando: *pum! pum! pum!*, ao contemplar a fumaça azulada que se evolava do solo. É que se lembravam da fumarada da polvora, quando os seus algozes os atacavam a tiros de rifle, levando a morte e a desolação ao seio das malocas.

Ao deixar os tapiryrs, manifestaram o desejo de possuir sapatos de borracha, pedindo ao auxiliar Garcia para dizer aos seringueiros que fossem sempre amigos delles e nunca os recebessem a bala quando os vissem pelos caminhos daquelle seringal.

Os Parintintins passaram parte da noite no barracão do sr. Barahuna, onde uma harmonica, tocada pelo gerente, fel-os despertar ao calor das mais vivas emoções.

Ao amanhecer do outro dia rumaram para o centro «São Domingos», onde os moradores, previamente avisados, os receberam com manifestações de agrado. Na sua chegada a esse logarejo, indagavam ao sr. Garcia dos nomes das pessoas presentes, pedindo-lhe as creancinhas que as mulheres dos seringueiros affagavam no collo e manifestando a vontade de crear meninos que aprendessem a falar com elles.

E assim foram, de barraca em barraca, até chegar ao seringal «Padua», onde tiraram as vestes que lhes velavam o corpo, deixando a descoberto curiosos desenhos que adornavam a cutis, feitos a tinta de jenipapo e carvão de castanha queimada.

O auxiliar aconselhou-os a retomar as roupas, mas elles insistiram pelo seu estado de nudez, dizendo que queriam apparecer desse modo no Caiary (Madeira), afim de que

os civilizados não os desconhecêssem, quando tivessem de apparecer alli outra vez.

Em «Padua» passaram uma noite agradável, no meio de festas, reproduzindo-se as mesmas scenas anteriores.

Na madrugada de 13 de setembro, tendo sciencia da vinda desses indios, o coronel Manoel de Sousa Lobo foi ao seu encontro e os conduziu á sua propriedade «Tres Casas», á margem do Madeira, tendo antes conseguido, por intermedio do auxiliar Garcia, que elles retomassem as suas vestes.

Em «Tres Casas», onde grande numero de curiosos os recebeu, os Parintintins se mostraram alegres e confiantes, cantando e dançando com natural expansão e desembaraço como se não estivessem num ambiente extranho aos seus costumes indigenas.

Nas horas vagas, detinham-se em apreciar o telephone que põe o escriptorio do seringal em communicacão com a residencia do coronel Lobo. Perguntavam insistentemente ao auxiliar Garcia quem tinha feito o aparelho e qual era a sua utilidade no seringal e, depois bem orientados, um delles, o de nome Tukuhy, observou que tambem desejava possuir um telephone na sua maloca para falar com o pessoal do posto, quando tivesse de pedir brindes.

Esta curiosa idéa do selvicola causou a mais viva admiracão no espirito das pessoas presentes.

O coronel Manoel Lobo obsequiou os indios com presentes e, quando observava, por intermedio do sr. Garcia, de que ia mandar matar um boi para o almoço, um delles objectou:

— *An-han! Daú mimbáb!* (não! não como xerimbabo!)

Outras scenas curiosas se passaram até o dia 15, quando o coronel Lobo tomou o vapor *Cidade de Teffé*, com destino a «Padua», levando em sua companhia o auxiliar Garcia e os heroicos Parintintins.

A bordo, esses indios mostravam-se encantados com tudo o que viam e examinavam de perto. Subiram á tolda e

puxaram a corda da sirena, descendo depois á sala das machinas onde se detiveram por mais de uma hora a apreciar o movimento de todo aquelle machinismo para elles complicado e desconhecido.

Os excursionistas chegaram a «Padua» no mesmo dia, rumando na manhã seguinte para as suas malocas. O coronel Manoel Lobo e o sr. Ventura Freire, gerente do seringal, deram-lhes mais uma prova de carinho, acompanhando-os até o logar conhecido por «Laguinho», onde os índios se despediram com gestos de visível emoção, demonstrando assim o seu reconhecimento pela bôa hospitalidade que tiveram.

XVI

O anno de 1924 encontrara a pacificação na sua phase mais brilhante.

Não mais se ouvia, no zinco do barracão, o estalo de uma unica flecha.

Os Parintintins não mais investiam contra os seus protectores para a disputa de brindes, nem lançavam mão de objectos, sem o devido assentimento, provando assim que nenhuma propensão tinham para o roubo.

Os gestos immoderados dos ultimos selvagens, que se mantinham vacillantes na vespera, eram substituidos agora pelas provas de confiança que elles davam aos seus protectores, visitando o barracão sem os apparatus de suas armas, palestrando cordialmente com os trabalhadores, e partilhando, sem receios, dos alimentos que lhes eram dados nas horas de refeição.

O velho indio Cary, pae do guerreiro Yuaká, passara a residir alli com oito pessoas de sua familia, numa barraca adaptada, e, muito embora se lembrasse ainda de accender, á noite, a sua coivara, pouco desejo nutria de voltar á maloca.

Outros índios passaram a pernoitar no posto, completamente alheios ao temor, abrigados em uma outra barraca que para elles fôra construida no terreiro.

O famoso guerreiro Matikamundé trocara o nome por outro, dizendo-se arrependido dos ataques que fizera ao posto, na ignorancia dos bons intuitos de seus pacificadores.

A cêrca de arame farpado que protegia a area brocada do estabelecimento fôra demolida por desnecessaria e offensiva á lealdade dos selvicolas.

Os proprios rifles eram collocados ao alcance dos Parintintins, sem que houvesse da parte de seus protectores o mais leve presentimento de uma cilada.

Muitas vezes eu vi esses indios apontarem os dedos para as armas, dizendo aos trabalhadores: — *Emombó paranã! Dorokói pendehé!* (joguem ao rio! a guerra se acabou!)

E a noticia de tamanha obra voara até ás plagas estrangeiras, dando motivo a que o jornalista inglez Donville Fife publicasse, a respeito, uma bellissima chronica no «*The Times*», de Londres.

Outros estrangeiros, sequiosos por uma prova testemunhal, vieram observar de perto os serviços de pacificação. E foi assim que, em julho de 1924, o posto do Maicy-mirim recebeu a visita da expedição norte-americana de Philadelphia, composta dos srs. Joseph Mc. Goldrick, Henry Norris, Alec Besso e George Coudert, tendo hospedado, no mesmo anno, o sr. Hermann Dengler, distincto allemão, que fizera parte da grande expedição chefiada pelo Dr. Hamilton Rice, e della se desmembrara após o fallecimento, no Rio Branco, do saudoso Dr. Theodor Kock.

Mas, diante desses factos, terá o leitor a supposição de que toda a obra está terminada?

Eis ahi uma pergunta que exige meticolosa resposta. Feita a pacificação dos Parintintins, depressa os indios começaram a visitar as propriedades ribeirinhas do rio Madeira, certos de que não mais subsistia o temor daquelle passado sombrio e angustioso em que, ameaçados nas suas terras e trucidados nas suas malocas, por vezes tiveram de terçar armas para reprimir a onda sinistra dos civilizados inclementes.

Semelhante recreação não podia deixar de causar, como tem causado, um grande mal para os heroicos selvicolas. A razão é esta: enquanto elles se divertem e passeiam, commetter uma imprevidencia contra o proprio bem-estar, abandonando as suas malocas e deixando de cultivar o solo que tão generoso lhes tem sido com a producção de generos alimenticios. Por outro lado resulta que, da sua promiscuidade com civilisados, no rio Madeira, alguns têm contrahido a grippe catarrhal e outros males contagiosos, ficando assim expostos ao perigo da vida e, quiçá, da depravação moral, porque não faltarão individuos inescrupulosos que os procurem induzir ao vicio da embriaguez.

É contra semelhante situação que actualmente se insurge o pessoal do posto de pacificação, mostrando aos Parintintins os males que poderão advir das suas recreações e induzindo-os á intensificação da cultura agricola, no seu *habitat*, agora que dispõem de instrumentos modernos para a sua actividade braçal.

A missão parece espinhosa, mas não será impraticavel. O que parecia impossivel á imaginação de muita gente, a inspeccoria de indios no Amazonas realisou em curto espaço de tempo, sem o menor derramamento de sangue.

A pacificação dos Parintintins ahí está. Não mais perdura no espirito dos selvicolas a prevenção que mantinham contra os civilisados, como consequencia dos horrores que soffreram no passado, compellindo-os, por vezes, a tremendas investidas.

Hoje os habitantes ribeirinhos do Madeira vivem em completa tranquillidade, voltando a sua actividade á exploração de zonas centraes que, outr'ora, permaneciam adynamisadas, no silencio da mais apavorante espectativa.

No *ohad* da maloca dos Parintintins não mais rugitam os gritos de guerra nem as soturnas canções dos feitos bellicosos. Elles querem a paz, aspiram a ventura no seu *habitat*, e é justo que todos os brasileiros conscientes procurem induzil-os ao caminho da felicidade, estendendo as mãos para uma raça heroica que percorreu victoriosamente a escala de quasi um seculo de martyrios.

Vocabulario do dialecto Parintintin

Pequeno vocabulario do dialecto Parintintin,
organizado por

Joaquim Gondim de Albuquerque Lins

Portuguez

Parintintin

A

Agua
Agua amarella
Areia
Arvore
Ananaz
Arraia
Arco
Arco-iris
Arara
Algodão
Azul
Assucar
Aranha
Amanhecer
Acabou-se
Andar
Accender
Accender a luz
Assoviar
Arrancar
Abanar
Aborrecido
Accordar
Avô
Amanhã
Agora
Alli
Aonde

Ehé
Eiúb
Ed'a
Rôbá
Apará-pará-hum
Yabé-uête
Iuírapá ou êuêrapá
Euêrá-caabú
Canindé
Amandediú
Diúkêrê
Cãnatí
Nhandú
Kiró-coême
Momina
Mómó
Emoendê
Emoendê-tatá
Otomõne-im'
Omondoró
O-pêdju
Kí-an
Ôma-é
Diramõin
Coimomé
Kiró
Irupé
Momé

Portuguez

ParIntinfin

B

Bonissimo
Bom
Banana
Borboleta
Braços
Bocca
Bezouro
Barranco
Barraca
Bacia
Branco (côr)
Bastante

Caturité
Catú
Pacoité
Arêrê
Ahé-re-adibá
Ahé-diurú
Carú-oropé
Eêtem
Ogá
Iá-imbébe
Tinhã-en
Pucú

C

Casa
Cabeça
Caminho
Carvão
Civilisado
Comer
Cadaver
Cannivete
Chuva
Chapéo
Cabello
Céo
Chorar
Cahir
Cantar
Café
Cobra
Côxa
Carangueijo
Como
Como se chama?
Canôa
Curimatã
Cachorro
Calor

Ogá
Ipi
Tatá-pêê
Tapêê
O-ú
Omonó
Barupái
Amãni
Akanitára
Ahé-acang
Ahé-ap
Ivág
Odihé-hó
Ohí
Onibá-oi
Cauim-hum
Bód'a
Ahé-up
Guararú
Garan
Garândarará? (*rara é
quasi muda*)
Ehád
Enéd'a
Diaúatem
Coará-hé

Portuguez

Parintintin

Cuia
Caneco
Cortar o cabelo
Canna de assucar

I-a
Niantiguí
Nerepini
Iukêratê

D

Dia
Dançar
Deixa vir
Deixa matar
Deixa ir
Deixa entrar
Deixa vêr
Deixa ouvir
Dou
Dormir
Despir-se
Dois
Deus
Dedo da mão
Dedo do pé
Dente
Doente
Dôr
Depois
Depois damanhã

Ara
Coimomé-hé
Hé
Ahê
Ahê
Ahé-rãin
Ahé-pihan
Ahé-pum
Tupan
Mocõin
Guekem
Okí
Amondó
Taendú
Tahapía
Takê
Tahó
Taiucá
Taúd
Erêrupê, airakê

E

Eu
Eu vou
Eu sei
Eu quero
Eu tenho
Elle
Elle vê
Elle deu
Elles
Enxada
Entregar
Entrega-me
Exhalação
Estrella

Dihí, di, a
Diahó
Acuaháb
Aputári
Arecói
Gahá, ga; o
Hapiagá
Omondó
Nharrá, o
Ahé-mombeú
Embou
Embou-dibé
Inem
Yahê-tatá-i

Portuguez

Parintintin

Fico
Fica
Foi
Fazer
Figura
Flecha
Flecha de guerra
Flecha para peixe
Frio
Fallar, conversar
Faces
Feijão
Folha de arvore
Fazer fogo
Fogo
Fogueira
Fumaça
Farinha
Faca

F
Apêta
Opêta
Ohó
Apó
Araragápe
Uêb
Tapacuád
Tacuád
Aiuruí
Amonguitá
Ahé-re-têupá
Ibôpei
Ka-á
Omôendê-tatá
Tatá
Tatá
Tatá-tin
Uí
Paratê

Grande
Guerra, guerrear
Gavião
Gallo
Garrafa
Gritar

G
Pucú
Orokói-pendehé
Coandú-hú
Inamutem
Nhumbiá
O-uí-him

Imagem
Irmão
Irmã
Irmãozinho
Igual

I
Araragape
Dikêuera
Direndêra
Diruvêd
Nimé

Jovem (masculino)
Joven (feminino)
Jogar, sacudir

J
Curubí
Cunhambí
Emombó

Portuguez

Parintintin

K

Kerozene
Kagado

Nhandê-hum
Eabutê

L

Lá
Longe
Leva
Linha fina
Linha grossa
Linha com anzol
Levantar-se
Lua
Lua nova

Irupé
Pá
Erohó
Inimbó-tiuím
Inimbó-pucú
Inimbó-reevé
Opoãn
Yahé
Yahê-êpê

M

Me, mim
Meu, minha
Mais tarde
Meio-dia
Mão
Meu pae
Metter, introduzir
Matar peixe
Muito
Matar
Milho verde
Milho secco
Mão
Morcego
Macaco barrigudo
Macaco prego
Macaco grande
Mulher
Mulher casada
Moça
Mocho, coruja
Maloca
Mêdo
Machado

Dibé
Ahé
Carunga-mé
Ará-dicatú
Tira-hum
Di-rup
Omonguí
Pirârêhê (?)
Hei-hei, rité
Ad-ucá
Auatê-kêêdi
Auatê
Ahé-pó
Anderá
Kairana
Kaiataí
Kaihú
Cunhã
Amontehé
Cunhã-mocú
Urucureá
Yaêuêd
Erêkêêdiê
Diicuári

PortuguezParintintin

Musculo
Mel
Mentira
Mandioca
Menino
Menina
Mãe

Ipopó-acá
Iúcaratê
Imbé
Mandiog
Piá
Piá
Rahí

Não
Nós
Nosso
Não trouxe
Não vejo
Não tenho pae
Não tenho mulher
Não quero comer
Não sei
Negro (homem)
Não tem
Não quero guerrear
Não quero
Não deste
Nadar
Nascer
Noite

An-han, *na*
Iandé, *ti*
Nhandé, *oré*
Darúre
Dahapía
Naierup
Nerembirecói
Da-ú
Dacuaháb
Tapaiúm
Nocói
Dorocói-pendehé
Naputári
Neremondói
U-itápe
O-ate
Pétuna

Onde
Onde está
Onça
Olhos
Orelhas
Ovo

Momé
Mará-momé
Diáuára
Ahé-re-acuád
Ahé-nambí
Rupíá

Passeiar
Pescar
Pão de tirar fogo
Pular, saltar
Pouco

U-ekêi
Omopó-heré
Tatá-ê
Ohé-ohé
Nahetái

Portuguez

Parintintin

Passaro
Perto
Pae
Parente
Pé
Pescoco
Pernas
Parintintin
Praia
Peneira
Pedra
Preto (côr)
Panella

Uêaem
Irá-aué
Rup
Amõin
Ahé-pê
Ahé-diocók
Ahé-rêté-mocõin
Cauahíb
Eyécín
Irupême
Itá
Nimonúm
Niá-pepói

Quero
Que, qual

Putári
Gará

Remar
Remo
Rio Madeira
Remedio
Ruim
Rêde
Rancho
Rio
Retrato

R
Atêcuái
Adicuái
Caiary (?)
Mohãn
Tira-hum
Tupáb
Orerapúi
Paraná
Araragape

Sim
Sei
Seu, sua
Sentar-se
Segredar
Sobrancelhas
Somnolento
Sol
Sobrinho
Sapato

S
Aé, ta
Cuaháb
Gahá
O-apék
Hibebó
Ahé-re-apicang
Diurúdiái
Coará
Tutê (?)
Ipéro-hum

Portuguez

Parintintin

T

Teu, tua
Tu dás
Tarde
Trovão
Terreiro
Terçado
Tartaruga
Trazer
Traz-me
Deixa dar
Tio
Testa
Thorax

Dehé
Emondó
Caruca
Tupá
Okád
Itakihé
Eabutê
Erú
Erú-dibé
Tamondó
Ditutéd
Ahé-re-aiubá
Ahé-re-bék

U

Um
Umbigo

O-ipé
Retuân

V

Vi
Vêr
Venha
Veado
Vermelho
Voltamos
Vaes
Vapor

Hapí
Hapía
Eroió
Erundê
Iuãne
Tiohóriá
Ehó
Itá-írara-hu

O *h* é aspirado em as palavras em que f

Peonomes pessoases

Eu
Tu
Elle
Nós
Vós
Elles

Dihi, *di, a*
Indé, *dé, e*
Gahá, *ga, o*
Iandé, *tí*
Penhan, *pé*
Nharrá, *o*

Pronomes e adjectivos possessivos

Meu, minha	Ahé
Teu, tua	Dehé
Seu, sua, delle, della	Gahá
Nosso, nossa	Nhandé, oré
Vosso, vossa	Pehé

Adjectivos numeraes

Um	O-ipé
Dois	Mocõin

Algumas phrases

Nós vamos dançar	Tiahó erêrupê
Onde está meu pae?	Mará-momé di-rup?
Elle vaé pescar	Ehó mopó-heré
Que estás fazendo?	Gará-nde-re-apó?
Minha mãe está doena	Ahé di-rahí

OBSERVAÇÕES. — As variações pronominaes precedem a forma verbal para indicar as diversas pessoas dos verbos. São as seguintes: do pronome dihi — *di, a*; do pronome indé — *de, e*; do pronome gahá — *ga, o*; do pronome iandé, — *ii*; do pronome penhan — *pe*; do pronome nharrá — *o*.

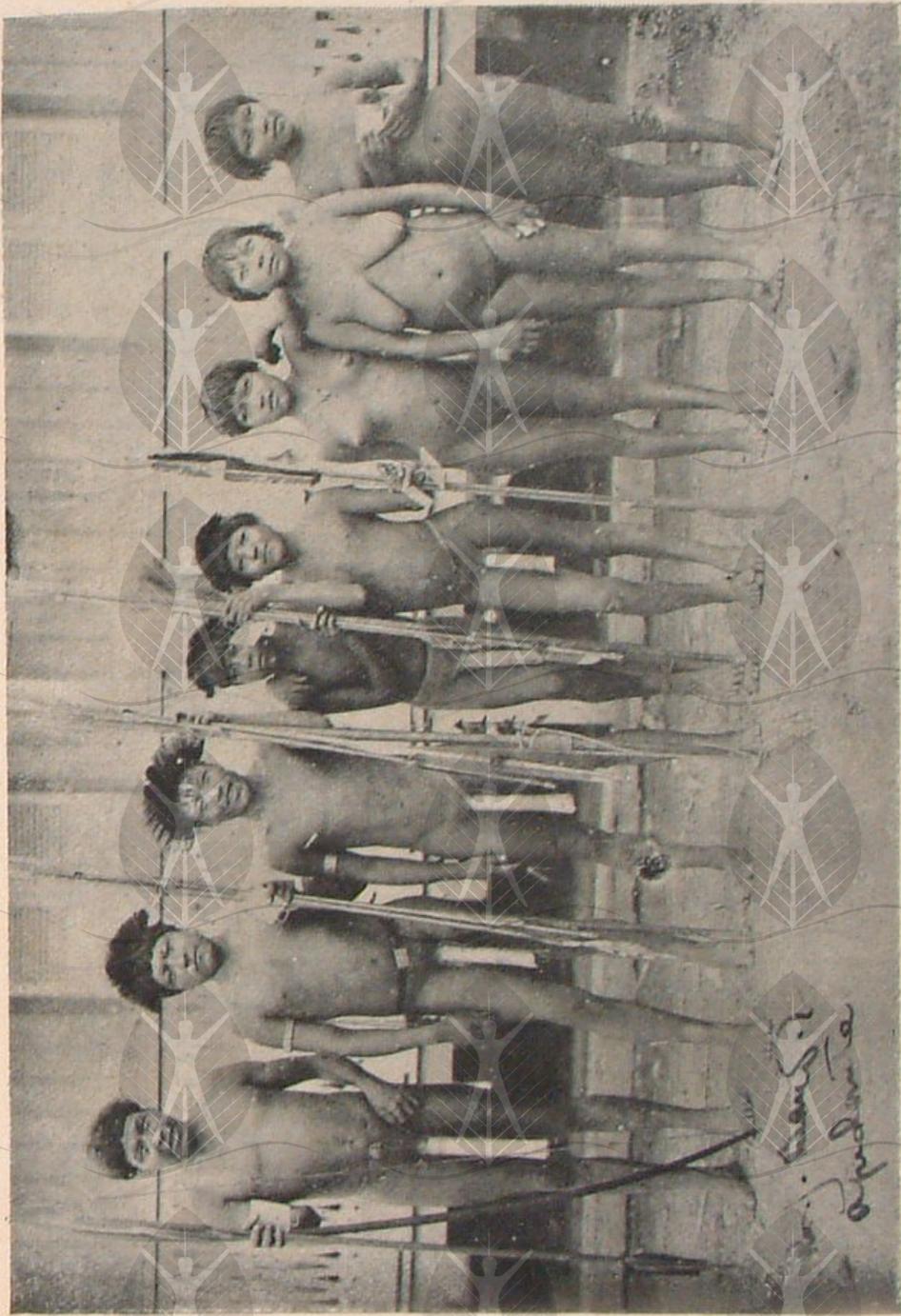
Exemplo: ahó, eu vou; ehó, tu vaes; ohó, elle vae; tiahó, nós vamos; pehó, vós ides; ohó, elles vão.

Os prefixos communmente usados, são: *ta*, que exprime affirmação; e *da* ou *na*, que exprimem negação.

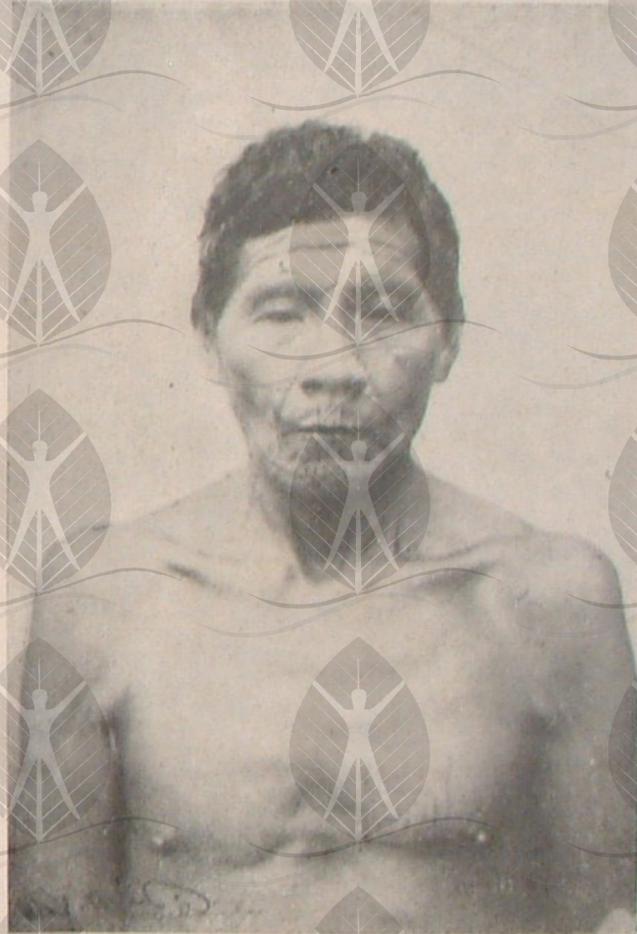
Exemplo: tahapía — sim, vejo, ou deixa ver; dahapía — não vejo; napatári — não quero.

A construcção das phrases é muito simples. Ao envez de Mará-momé ahé-rup? — onde está meu pae?; elles dizem: Mará-momé di-rup? — onde está eu pae?

Na designação de qualquer parte do corpo, elles ante-põem ao substantivo o adjectivo possessivo. Assim, ao envez de acang — cabeça, elles dizem — ahé-acang — minha cabeça.



GUERREIROS E MULHERES PARINTINTINS, COM ADORNOS E ARMAS
DA SUA TRIBU



LIM CHEFE PARINTIMI, COM TATIAGENS
NAS FACES E NO ROSTO

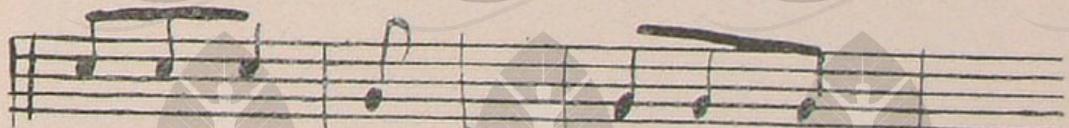
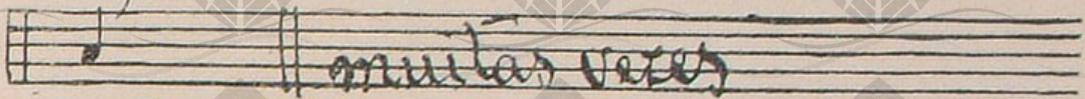


TREZ CHEFES PARINTINTINS





MENINAS PARINTINTINS
NO POSTO DE PACIFICAÇÃO DO ALTO - MAICY





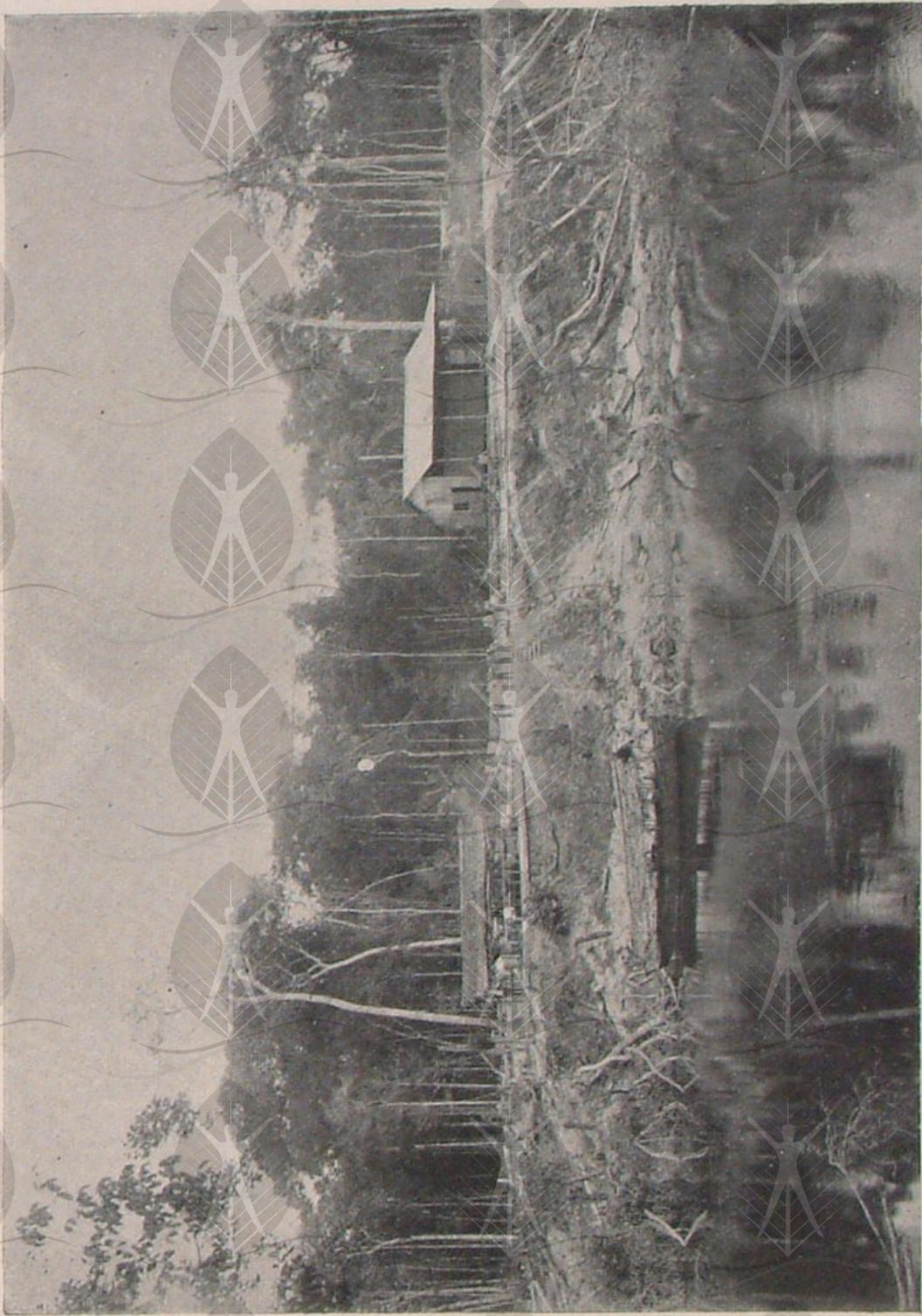
GUERREIROS PARINTINTINS EM UM ASSALTO (SIMULADO)
AO POSTO DE PACIFICAÇÃO



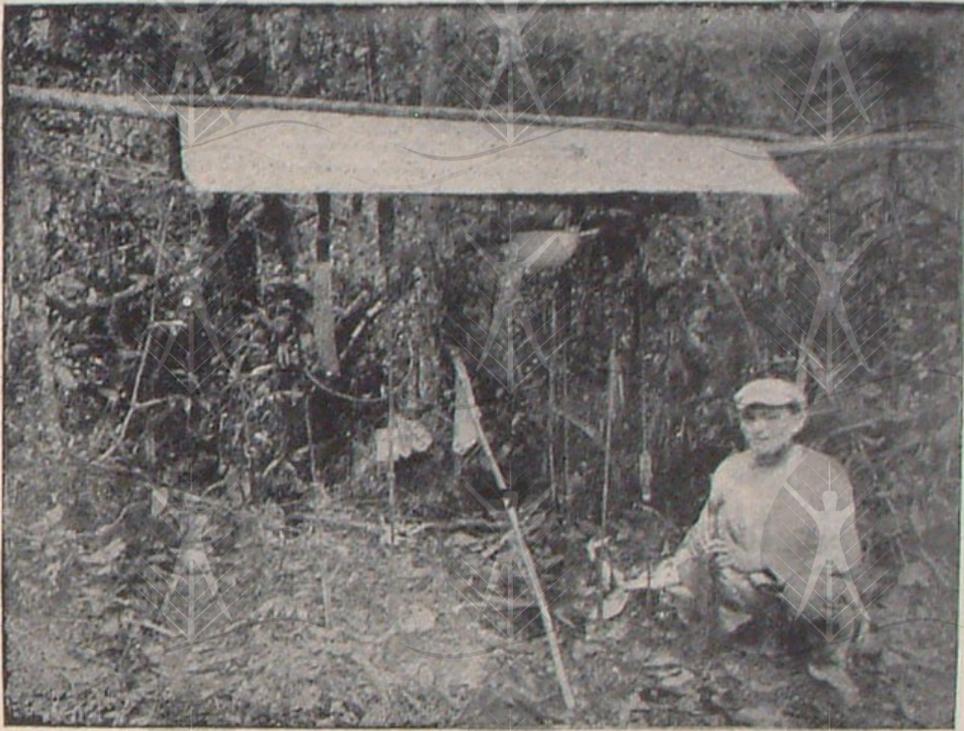
VISTA PANORAMICA DO POSTO DE PACIFICACAO DOS PARINTINS, NO ALTO MAICY



GRUPO DE INDIOS PIRAHANS NO
POSTO DO MAICY



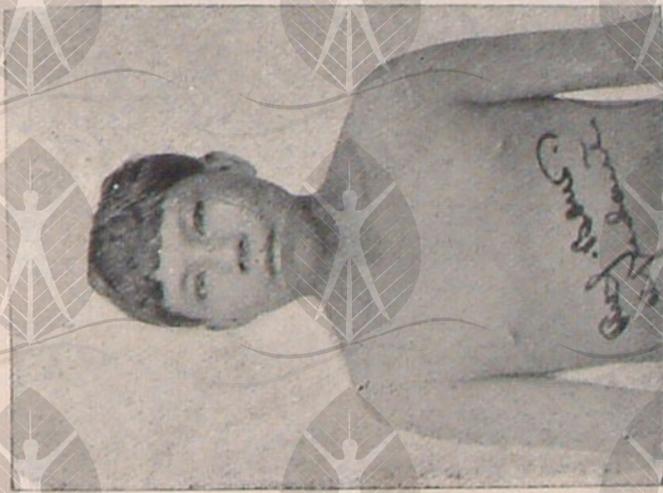
VISTA GERAL DO POSTO DE PACIFICAÇÃO DO
ALTO - MAICY



POSTO DE BRINDES NO INTERIOR
DA MATTA



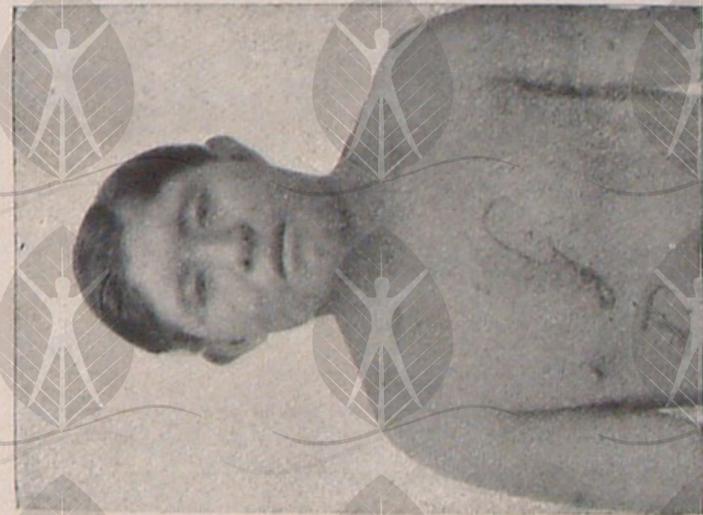
ALOJAMENTO DOS INDIOS NO
POSTO DE PACIFICAÇÃO DO ALTO MAICY



TIPO DE RAPAZ PARINTINTIM



TIPO DE MOÇO PARINTINIM



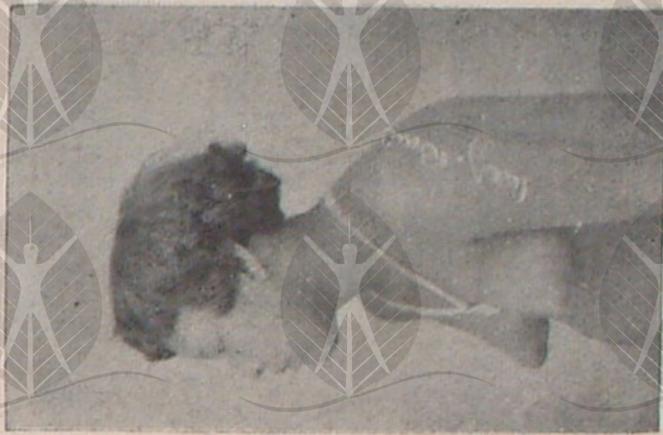
TIPO DE MOÇO PARINTINTIM



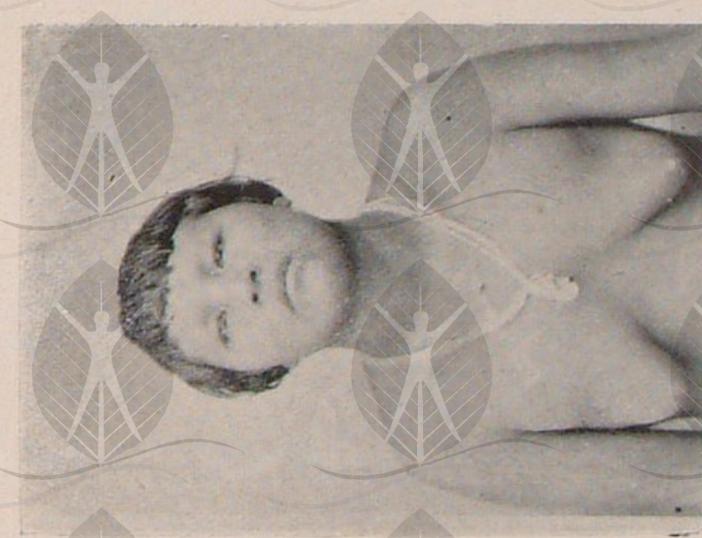
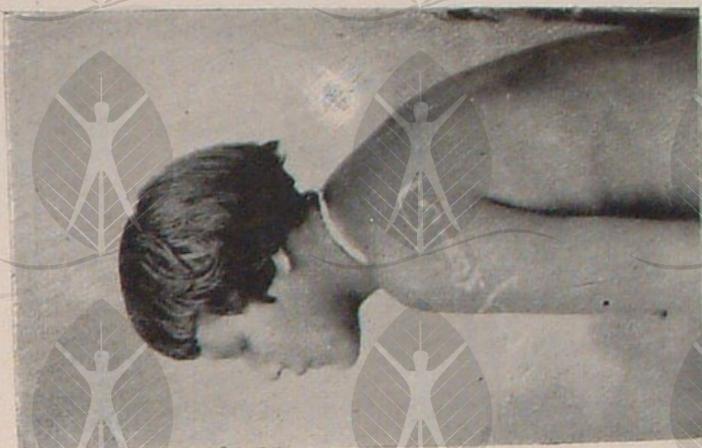
TIPO DE PARINTINTIM



MOÇA PARINTINTIM COM
TATUAGEM NO ROSTO



TYPHO DE MOÇA PARINTINTIM



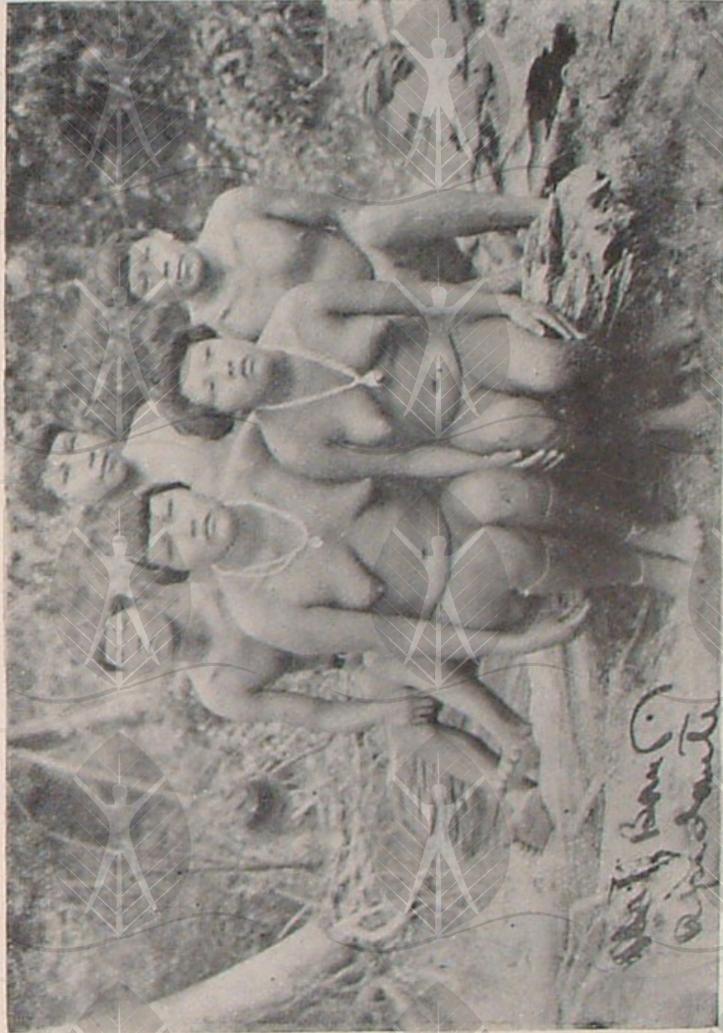
TIPO DE MULHER PARINTINIM



DUAS INDIAS PARINTINTINS AO CHEGAREM
AO POSTO DE PACIFICAÇÃO, VINDAS DAS SUAS MALOCAS

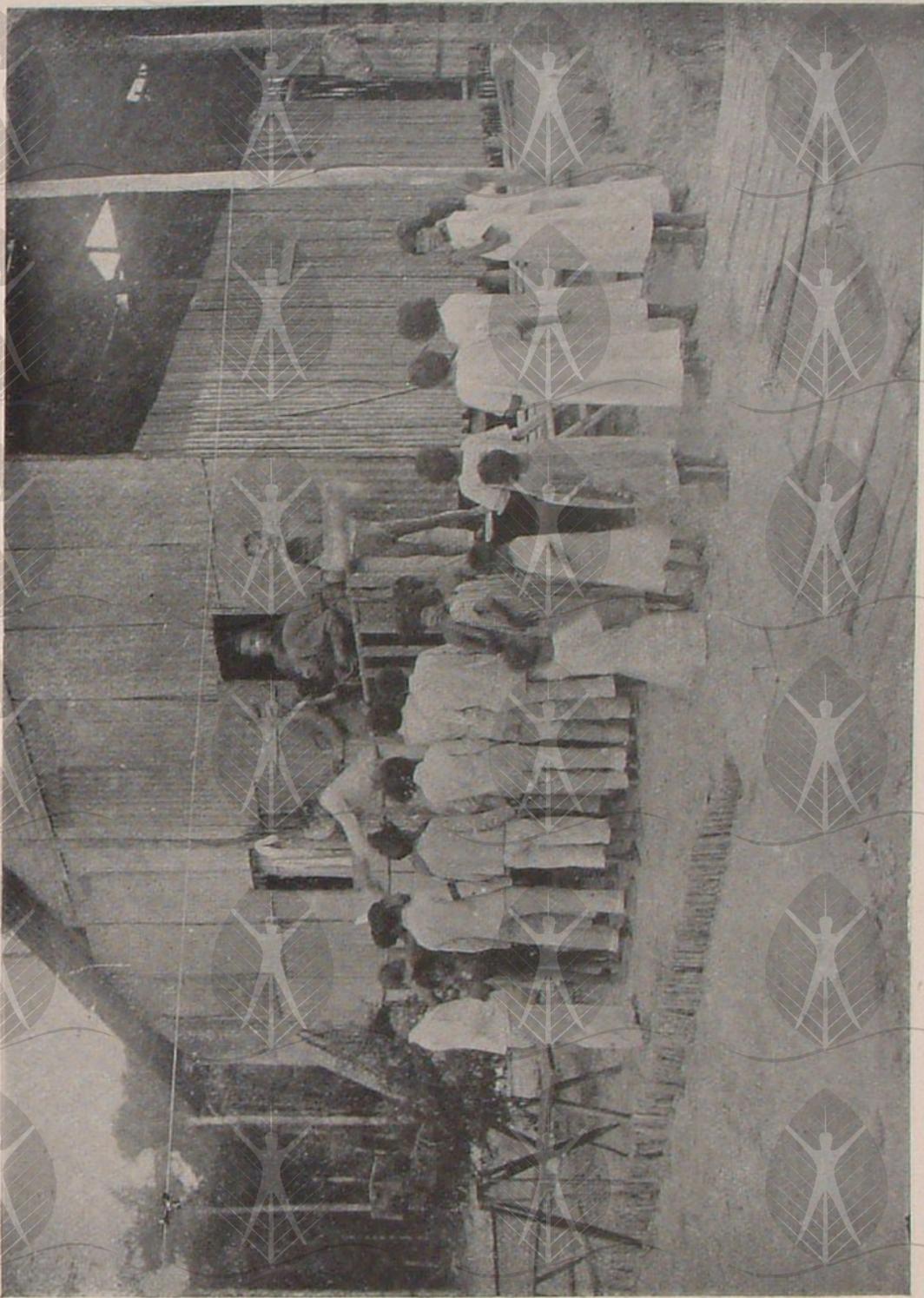


MOÇAS PARINTINTINS

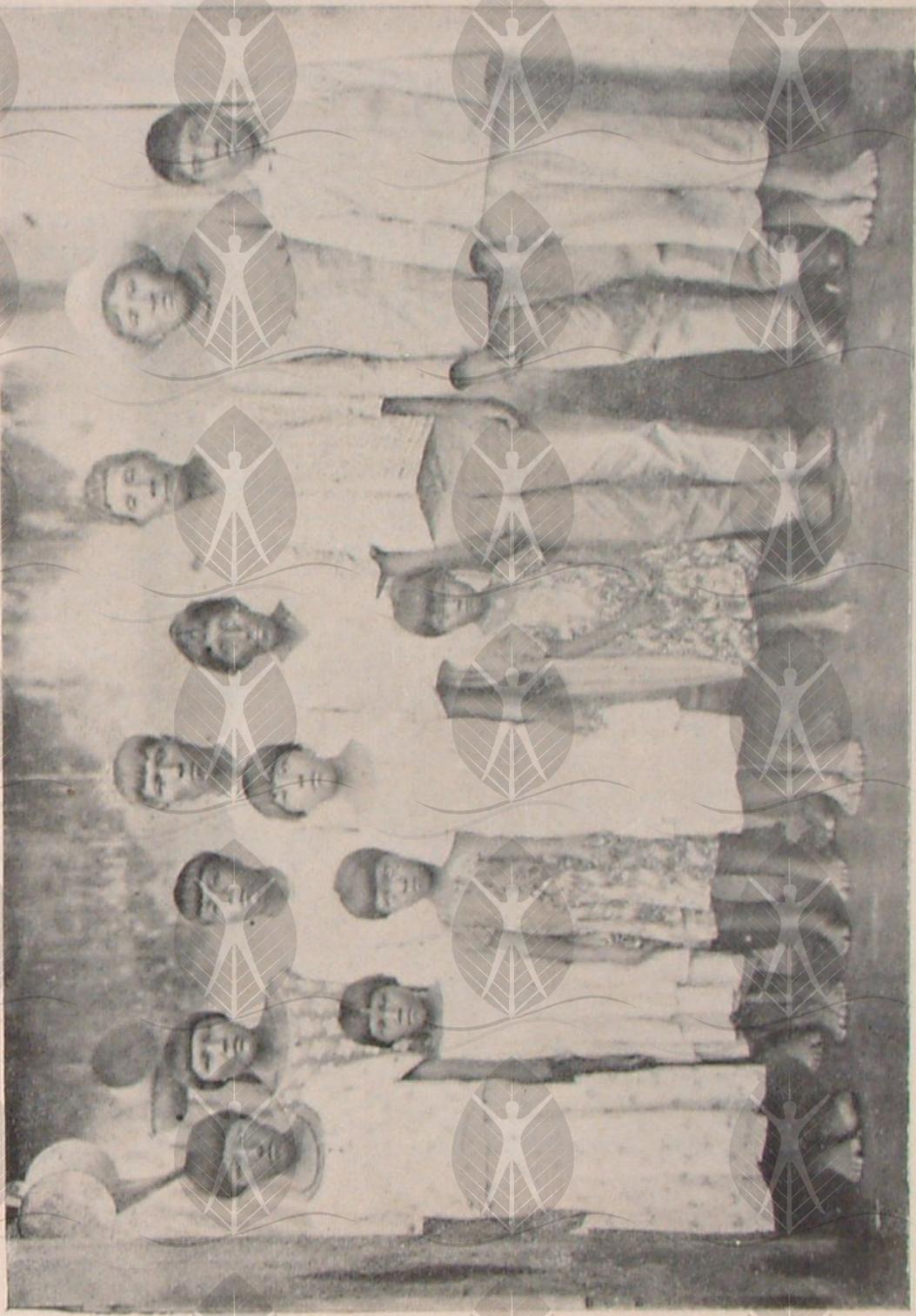


*Esty Band
A. P. de A. L.*

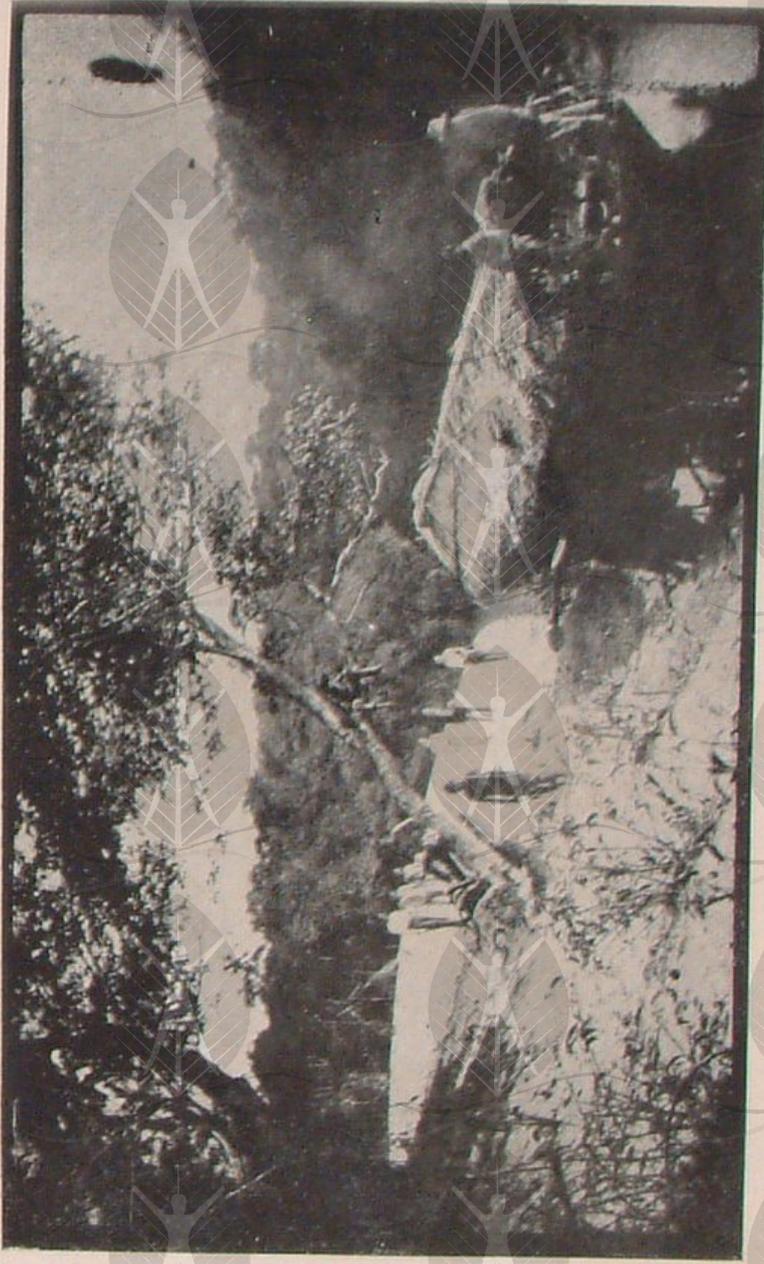
MOÇAS E MOÇOS PARINTINTINS



VESTINDO OS PARINTINTINS NO POSTO DE
PACIFICAÇÃO DO ALTO - MAICY



INDIOS PARINTINTINS VESTIDOS PELO SERVIÇO DE P. AOS INDIOS
NO POSTO DE PACIFICAÇÃO DO MAICY



NUMA PRAIA DO RIO MAICY, — OS MEMBROS DA EXPEDIÇÃO
SCIENTIFICA DE PHILADELPHIA EM COMPANHIA DO AJUDANTE DA
INSPECTORIA DO S. DE P. AOS INDIOS DO AMAZONAS,
JOAQUIM GODINHO



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA